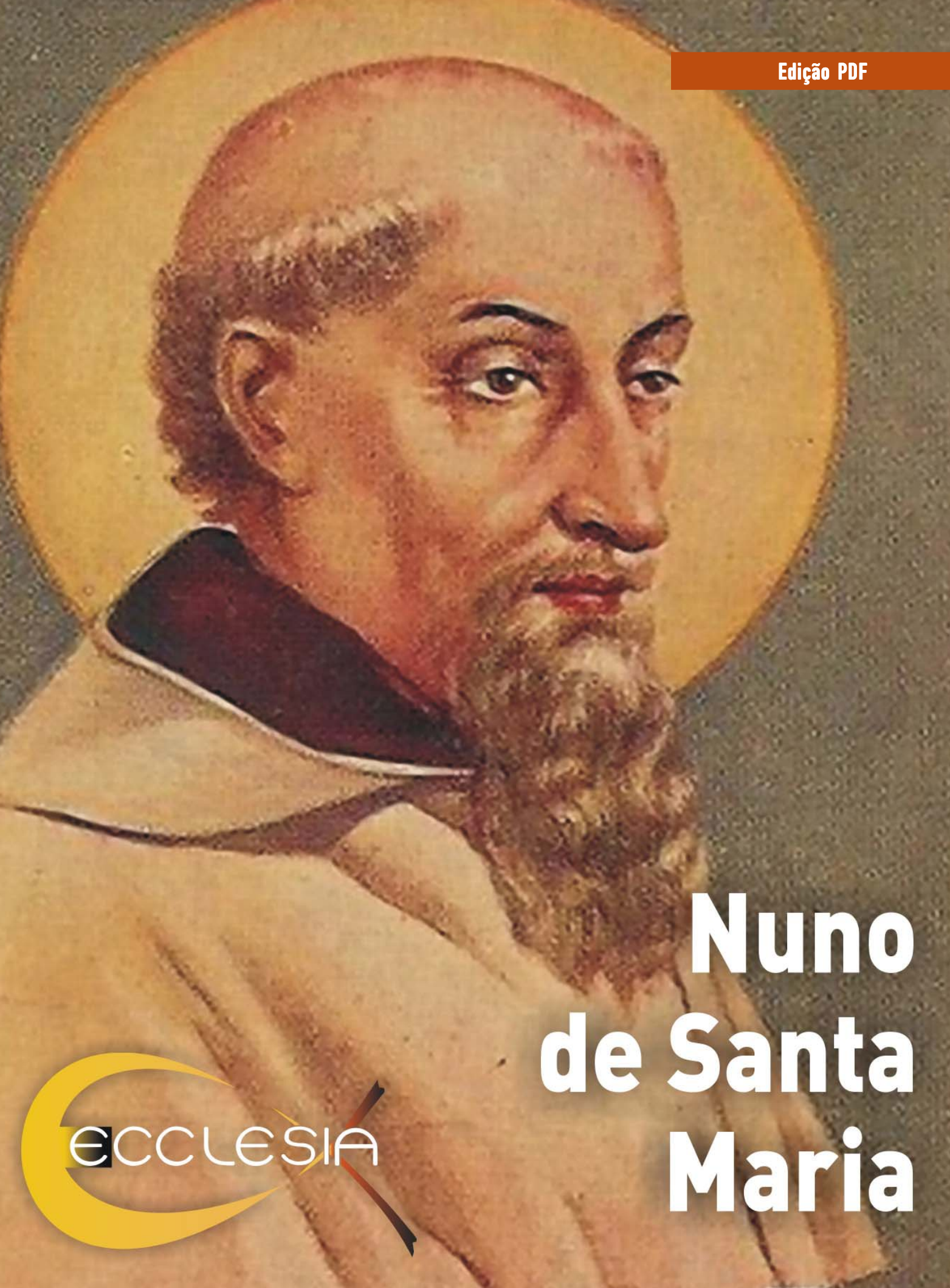


Edição PDF



Nuno de Santa Maria



Índice

Director: Paulo Rocha.
Chefe de Redacção: Octávio Carmo.
Redacção: Lígia Silveira, Luís Filipe Santos.
Correspondentes: António Pinheiro (Roma).
Paginação: Manuel Costa.
Secretaria: Ana Gomes.
Colaboração: Maria Fernanda Silva.
Grafismo: Manuel Costa.
Fotos: Agência Ecclesia, Luís Santos, Manuel Costa.
AGÊNCIA ECCLESIA: nº registo 109665;
Propriedade: Conferência Episcopal Portuguesa - Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja, pessoa Colectiva nº 500966575.
Redacção e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D - 1885-076 MOSCAVIDE.
Tel.: 218855472; Fax: 218855473.
agencia@ecclesia.pt
www.agencia.ecclesia.pt

As notícias deste Semanário podem ser publicadas livremente.
Os artigos assinados devem manter a assinatura do autor e a respectiva fonte.

NUNO DE SANTA MARIA ÁLVARES PEREIRA (1360-1431)
Biografia oficial para a cerimónia de Canonização

HISTÓRIA DE UMA CANONIZAÇÃO
Luís Filipe Santos

SIGNIFICADO PARA A ORDEM DO CARMO

MISSÃO DE VIDA

SÃO NUNO, UMA FIGURA GIGANTESCA
entrevista ao Cardeal Saraiva Martins

O SANTO CONDESTÁVEL NÃO CONTESTÁVEL
António Bagão Félix

UMA CAUSA DE PORTUGAL
Inês Dentinho

O SÍMBOLO DE NUNO ÁLVARES
Guilherme d'Oliveira Martins

ICONOGRAFIA DE SÃO NUNO DE SANTA MARIA
D. Carlos Azevedo, Bispo Auxiliar de Lisboa

O PE. FORMIGÃO E O SANTO CONDESTÁVEL
A. Pinto Cardoso, Postulador da Causa de canonização do Pe. Manuel Nunes Formigão

EXEMPLO HERÓICO EM TEMPO DE CRISE
Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa por ocasião da canonização de Nuno Álvares Pereira

FREI NUNO DE SANTA MARIA
Discurso de D. José Policarpo no Encerramento da fase diocesana do Processo de Canonização.

REVESTIDO DA COURAÇA DA JUSTIÇA...
Carta do Prior Geral da Ordem do Carmo a toda a Família Carmelita, Fernando Millán Romeral, O. Carm. Prior Geral dos Carmelitas da Antiga Observância

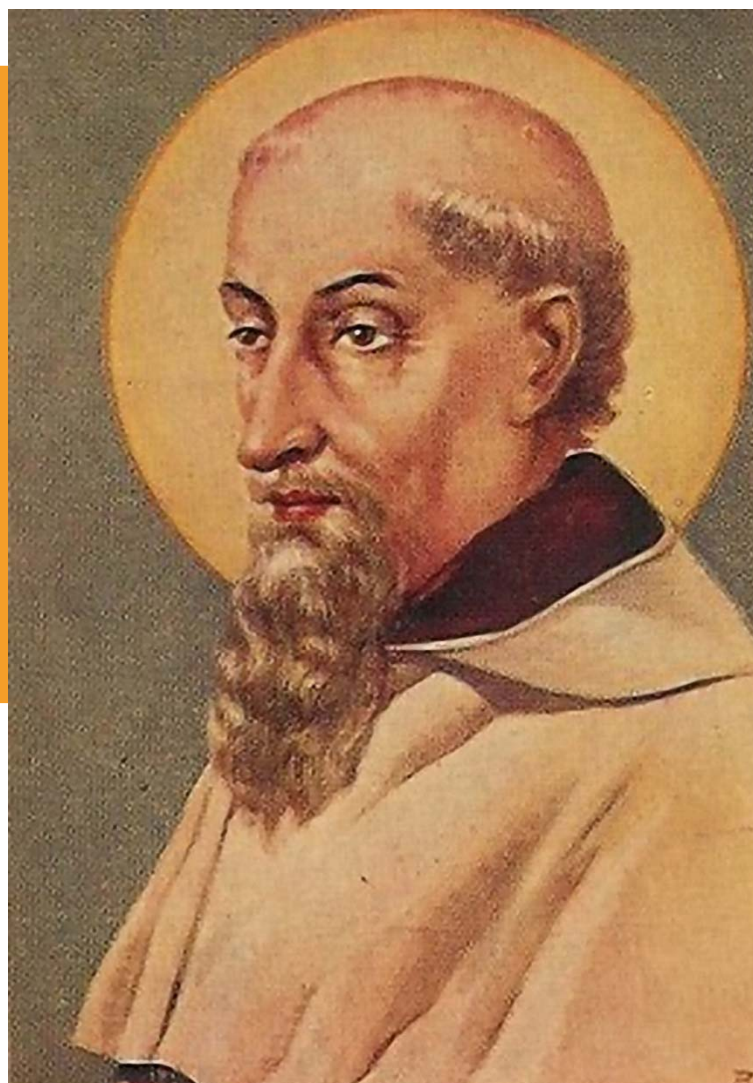
QUEM SÃO OS SANTOS DE PORTUGAL?

Nuno de Santa Maria Álvares Pereira (1360-1431)

(Biografia oficial para a cerimónia de Canonização, em www.vatican.va)

Nuno Álvares Pereira nasceu em Portugal a 24 de Junho de 1360, muito provavelmente em Cernache do Bonjardim, sendo filho ilegítimo de fr. Álvaro Gonçalves Pereira, cavaleiro dos Hospitais de S. João de Jerusalém e Prior do Crato, e de D. Iria Gonçalves do Carvalhal. Cerca de um ano após o seu nascimento o menino foi legitimado por decreto real, podendo assim receber a educação cavaleiresca típica dos filhos das famílias nobres do seu tempo. Aos treze anos torna-se pajem da rainha D. Leonor, tendo sido bem recebido na Corte e acabando por ser pouco depois, cavaleiro. Aos dezasseis anos casa-se, por vontade de seu pai, com uma jovem e rica viúva, D. Leonor de Alvim. Da sua união nascem três filhos, dois do sexo masculino, que morrem em tenra idade, e uma do sexo feminino, Beatriz, a qual mais tarde viria a desposar o filho do rei D. João I, D. Afonso, primeiro duque de Bragança.

Quando o rei D. Fernando I morreu a 22 de Outubro de 1383 sem ter deixado filhos varões, o seu irmão D. João, Mestre de Avis, viu-se envolvido na luta pela coroa lusitana, que lhe era disputada pelo rei de Castela por ter desposado a filha do falecido rei. Nuno tomou o partido de D. João, o qual o nomeou Condestável, isto é, Comandante supremo do exército. Nuno conduziu o exército português repetidas vezes à vitória, até se ter consagrado na batalha de Aljubarrota (14 de Agosto de 1385), a qual acaba por determinar a resolução do conflito.



Os dotes militares de Nuno eram no entanto acompanhados por uma espiritualidade sincera e profunda. O amor pela eucaristia e pela Virgem Maria são a trave-mestra da sua vida interior. Assíduo à oração mariana, jejuava em honra da Virgem Maria às quartas-feiras, às sextas, aos sábados e nas vigílias das suas festas. Assistia diariamente à missa, embora só pudesse receber a eucaristia por ocasião das maiores solenidades. O estandarte que elegera como insígnia pessoal traz as imagens do Crucificado, de Maria e dos cavaleiros S. Tiago e S. Jorge. Fez ainda construir às suas próprias custas numerosas igrejas e mosteiros, entre os quais se contam o Carmo de Lisboa e a Igreja de S. Maria da Vitória, na Batalha. Com a morte da esposa, em 1387, Nuno recusa contrair novas núpcias, tornando-se um modelo de pureza de vida. Quando finalmente se alcançou a paz, distribuiu grande parte dos seus bens entre os seus companheiros, antigos combatentes, e acabou por

se desfazer totalmente daqueles em 1423, quando decide entrar no convento carmelita por ele fundado, tomando então o nome de frei Nuno de Santa Maria. Impelido pelo Amor, abandona as armas e o poder para revestir-se da armadura do Espírito recomendada pela Regra do Carmo: era a opção por uma mudança radical de vida em que sela o percurso da fé autêntica que sempre o tinha norteado. Embora tivesse preferido retirar-se para uma longínqua comunidade de Portugal, o filho do rei, D. Duarte, de tal o impediu. Mas ninguém pode proibir-lhe que se dedicasse a pedir esmola em favor do convento e sobretudo dos pobres, os quais continuou sempre a assistir e a servir. Em seu favor organiza a distribuição quotidiana de alimentos, nunca voltando as costas a um pedido. O Condestável do rei de Portugal, o Comandante supremo do exército e seu guia vitorioso, o fundador e benfeitor da comunidade carmelita, ao entrar no convento recusa todos os privilégios e assume como própria a condição mais humilde, a de frade Donato, dedicando-se totalmente ao serviço do Senhor, de Maria — a sua terna Padroeira que sempre venerou —, e dos pobres, nos quais reconhece o rosto de Jesus.

Documentação Bibliográfica

A Bibliografia acerca de Nuno Álvares Pereira, contemplando as suas principais facetas (Condestável, cidadão e carmelita), chega a quase um milhar de títulos: Crônicas, livros de História, artigos de jornais e revistas, biografias, hagiografias, etc.

Aparece desde logo nas Crônicas oficiais de Fernão Lopes, sobretudo na Crônica de D. João I.

A Bibliografia específica considera-se ter início com a famosa “Crônica do Condestabre”, do século XV. Destaque para “A vida de Nun’Alvares” de Oliveira Martins, do séc. XIX, e para a “História da Igreja em Portugal”, de Fernando de Almeida, que fazem longa referência à figura do Condestável.

Referência obrigatória é Fr. Elias Maria Cardoso, carmelita, com a sua “A Bibliografia Condestabriana” (Roma, Instituto Carmelitarum, 1958).

Significativo foi o dia da morte de frei Nuno de Santa Maria, o domingo de Páscoa, 1 de Abril de 1431, passando imediatamente a ser reputado de “santo” pelo povo, que desde então o começa a chamar “Santo Condestável”.

Mas, embora a fama de santidade de Nuno se mantenha constante, chegando mesmo a aumentar, ao longo dos tempos, o percurso do processo de canonização será bem mais acidentado. Promovido desde logo pelos soberanos portugueses e prosseguido pela Ordem do Carmo, depara com numerosos obstáculos, de natureza exterior. Foi somente em 1894 que o Pe. Anastasio Ronci, então postulador geral dos Carmelitas, conseguiu introduzir o processo para o reconhecimento do culto do Beato Nuno “desde tempos imemoriais”, acabando este por ser felizmente concluído, apesar das dificuldades próprias do tempo em que decorre, no dia 23 de Dezembro de 1918 com o decreto Clementissimus Deus do Papa Bento XV.

As suas relíquias foram trasladadas numerosas vezes do sepulcro original para a Igreja do Carmo, até que, em 1961, por ocasião do sexto centenário do nascimento do Beato Nuno, se organizou uma peregrinação do precioso relicário de prata que as continha; mas pouco tempo depois é roubado, nunca mais tendo sido encontradas as relíquias que continha, tendo sido depostos, em vez delas, alguns ossos que tinham sido conservados noutra lugar. A descoberta em 1966 do lugar do túmulo primitivo contendo alguns fragmentos de ossos compatíveis com as relíquias conhecidas reacendeu o desejo de ver o Beato Nuno proclamado em breve Santo da Igreja.

O Postulador Geral da Ordem, P. Felipe M. Amenós y Bonet, conseguiu que fosse reaberta a causa, que entretanto era corroborada graças a um possível milagre ocorrido em 2000. Tendo sido levadas a cabo as respectivas investigações, o Santo Padre, Papa Bento XVI, dispõe a 3 de Julho de 2008 a promulgação do decreto sobre o milagre em ordem à canonização e durante o Consistório de 21 de Fevereiro de 2009 determina que o Beato Nuno seja inscrito no álbum dos Santos, no dia 26 de Abril de 2009.

História de uma canonização

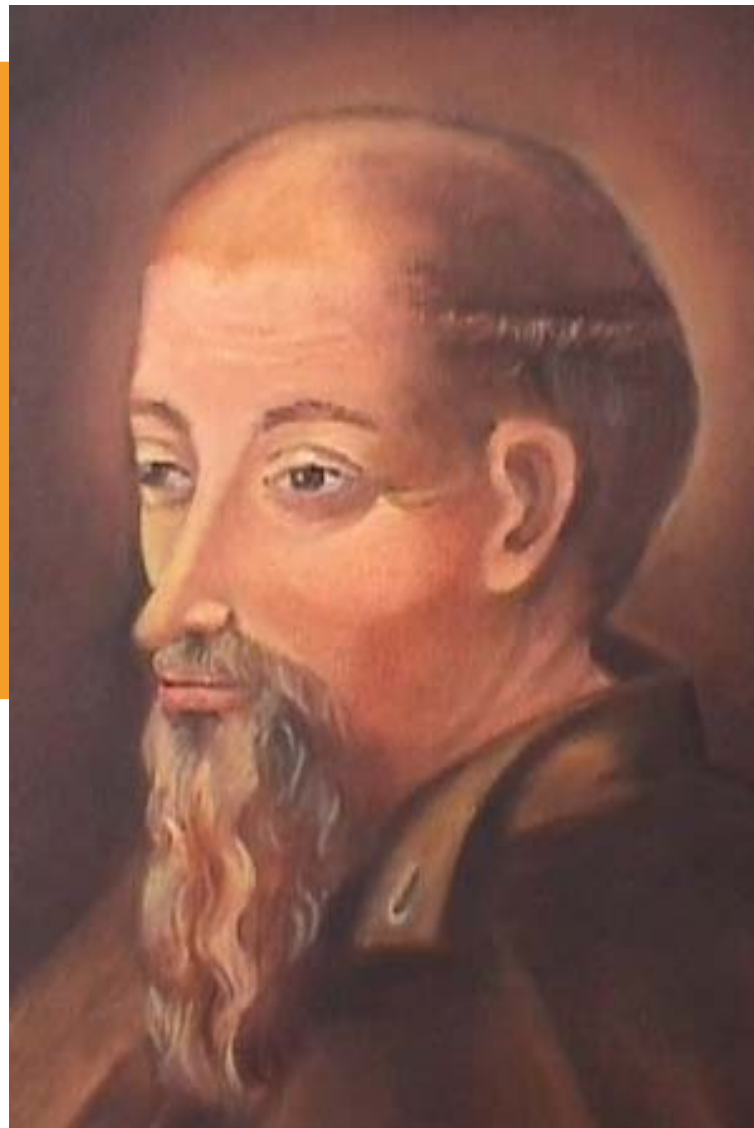
Luis Filipe Santos

Depois de ter sido beatificado em 1918 pelo Papa Bento XV, Nuno Álvares Pereira será canonizado a 26 de Abril deste ano por Bento XVI. Será uma data marcante para a história da Igreja em Portugal.

Nascido a 24 de Junho de 1360, em Cernache do Bonjardim (actual distrito de Castelo Branco) o novo santo foi um dos portugueses que mais profundamente marcaram a história do nosso país. Filho de D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior dos Hospitalários de Portugal, e de D. Iria Gonçalves de Carvalhal, dama da Infanta Dona Beatriz (filha de D. Fernando), Nuno Álvares Pereira foi 3º conde Ourém, 7º de Barcelos e 2º de Arraiolos. Falecido em 1431, no Carmo de Lisboa, sabe-se que D. Duarte pediu para que se organizasse o seu processo de canonização em 1437, ou seja, apenas seis anos após a sua morte.

Primórdios

Adquiriu o título de «Condestável do Reino» devido aos méritos na guerra de 1385 entre Portugal e Castela. No Arquivo da Casa de Bragança existia, até ao terramoto de 1755, o diploma original no qual o Mestre de Avis, D. João I, lhe concedia o título de «Condestabre» do reino e, para lhe agradecer, o rei faz-lhe a doação do Condado de Ourém e de outras terras nomeadas. (Cf. Tarouca, Carlos da Silva – *O «Santo Condestável» pode ser canonizado?*. Brotéria. Lisboa. XLIX (1949) 129-140.) Na Torre do Tombo (Lisboa) existe também um documento – a cópia coeva,



em pública forma, da carta do mesmo rei, com a qual, no Porto, a 8 de Novembro faz a doação ao mesmo D. Nuno Álvares Pereira, Condestável e Conde de Ourém, do Condado de Barcelos (Cf. Tarouca, Carlos da Silva).

Com esta documentação fica excluída qualquer dúvida a respeito da sua identidade e dos mais importantes feitos da sua vida. Para provar que D. Nuno e o Condestável eram a mesma pessoa basta recorrer a uma carta do Papa Urbano VI para o bispo de Viseu, a 8 de Dezembro de 1386, cujo original existia até ao referido terramoto no Carmo de Lisboa. Nela, o Papa chama Nuno, Conde de Barcelos, ao fundador do convento. Esta não é a única carta de Urbano VI ao Condestável. Segundo o cronista do Carmo, Pereira de Sant’Ana, o Papa envia-lhe dois documentos – assinados a 26 de Novembro de 1387 – onde realça: “Revalidava o que antes obtivera, para contrair matrimónio com a senhora D. Leonor de Alvim, sem em-

bargo de parentesco” e a outra concede-lhe privilégios de missas para o conde, esposa e família.

Recorrendo ao artigo de Carlos da Silva Tarouca, encontram-se provas que D. Duarte pediu a canonização de D. Nuno Álvares Pereira. No Códice Ashburnham 1792 da Biblioteca Laurenziana de Florença existem dois volumes de originais, pertencentes à correspondência original que ao abade beneditino D. João Gomes chegava de Portugal. Neste códice encontra-se a carta original (publicada pelo Pe. Domingos Maurício: Brotéria VII-1928) de D. Duarte ao abade de Florença e seu conselho. Assinado a 21 de Julho de 1437, neste documento o rei português queixava-se de ainda não ter recebido “O desembargo que saiu do canonizamento do Santo Condestabre per que se tire a inquirição que sobre isto se costuma fazer”. Conclui-se que o Papa mandou começar o processo de canonização de D. Nuno Álvares Pereira.

O documento contém também mais informações que ajudam a compreender o início deste processo. Nele, D. Duarte envia a D. João Gomes (abade beneditino) a oração litúrgica – feita pelo infante D. Pedro (faleceu em 1449) – e o esboço do panegírico que devia ser pronunciado por ocasião da canonização. Tanto D. Duarte como os irmãos tomavam a sério o processo de canonização do condestável. Para prová-lo, existe uma cópia, tirada pelo cronista-mor do reino, Gomes Eanes Azurara, onde são elencados os milagres atribuídos à sua intercessão.

A «oração litúrgica» do Infante D. Pedro é um documento de importância capital, sendo a única fonte coeva, que fala claramente da santidade de vida. Este Códice da Cartuxa de Évora – actualmente está na Torre do Tombo – é a única fonte que conservou a data da morte do Beato Nuno: Dia de Páscoa de 1431, isto é, 1 de Abril.

Nascimento do culto

Em relação ao início do culto que se prestava ao Santo Condestável, Jorge Cardoso no «Hagiologia Lusitano» (Cardoso, George – *Agiologia Lusitano III*. Lisboa, 1666) e, sobretudo, José Pereira de Sant’Ana na sua «Crónica dos Carmelitas» (Sant’Ana, Joseph Pereira – *Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observância I*. Lisboa, 1745) relatam, longamente, além da sua vida virtuosa, os altares e imagens que lhe eram dedicados, as missas que se celebravam

em sua honra, as trasladações das suas relíquias, as peregrinações ao seu túmulo, e as muitas graças e milagres que eram atribuídas à sua intercessão.

Perante tais relatos pensou-se logo em obter do Papa a confirmação deste culto pela beatificação e canonização. Sabe-se que D. Duarte estimava muito o condestável. Quando era infante visitava-o com frequência no Convento do Carmo e tomou a iniciativa de pedir a sua canonização (Cf. Maurício, Domingos – Para a história do culto do B. Nun’Álvres. Brotéria. Lisboa. VII. 1928).

Como o desejo não foi realizado, nos reinados de D. João IV e D. Pedro II, os prelados da corte enviaram uma súplica ao Papa a pedirem a canonização de D. Nuno Álvares Pereira, súplica que foi corroborada pelos monarcas.

«Ventilou-se esta questão nas Cortes de 1674, as últimas que se reuniram antes da revolução de 1820. Privado el-rei D. Afonso VI do governo em 1667, o regente seu irmão convocou Cortes que se reuniram em 20 de Janeiro de 1674, na sala dos Tudescos do Paço da Ribeira. O braço da nobreza reuniu separadamente, no dia 22, no Mosteiro de Santo Elói, para eleger os trinta na forma costumada; e eleitos os trinta, passaram a ter as suas sessões às segundas, quartas e sextas-feiras em S. Roque, na Capela de Nossa Senhora do Pópulo. Foi na 12ª Sessão, segunda-feira, 22 de Março, que se discutiu a questão da canonização de Nuno Álvares Pereira.»

(Martins, Oliveira – A vida de Nun’Álvares. Lisboa: Guimarães Editores, 1955)

O processo não teve o andamento desejado. Somente nos fins do século XIX, as diligências ganharam novo fôlego com as instâncias do Postulador Geral da Ordem dos Carmelitas. Em 1894, o então Cardeal Patriarca, D. José Sebastião Neto, nomeou juiz da causa o arcebispo de Mitilene, D. Manuel Baptista da Cunha, futuro arcebispo de Braga. Dadas as vicissitudes “dos últimos tempos da Monarquia e princípios da República, o processo só terminou no tempo do Patriarca D. António Mendes Belo” (Leite, António – *A caminho da canonização do beato Nun’Álvares*. Brotéria. Lisboa. LXX (1960). 617-627).

Enviado o processo para Roma, e feitas as diligências na Sagrada Congregação dos Ritos (actual Congregação para as Causas dos Santos), Bento XV, pelo decreto «Clementissimus Deus» da mesma congre-

gação, com data de 23 de Janeiro de 1918, confirmava o culto prestado a Nun'Álvares, inscrevendo-o no número dos beatos (O texto do decreto encontra-se na «Acta Apostolicae Sedis», 10 (1918) 102 - 196).

Como é natural, a beatificação do santo condestável trouxe um grande incremento no seu culto. Em todas as dioceses começou a celebrar-se a sua festa litúrgica, 6 de Novembro.

Nas comemorações do VIII centenário da fundação da nacionalidade, em 1940, o governo português e os bispos das dioceses pediram ao Papa para que fosse reassumida a causa da canonização do Beato Nuno. Pio XII satisfaz o pedido através de um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, com data de 28 de Maio de 1941 (O texto do decreto encontra-se na «Acta Apostolicae Sedis», 33 (1941) 399 - 400).

O número de testemunhos episcopais acerca da santidade de Nuno Álvares é considerável, sendo vários os tornados públicos a seguir à beatificação, nos centenários do nascimento e da morte, e na peregrinação das Relíquias pelo País, em 1960, atura em que foi publicada uma Pastoral Colectiva do Episcopado. O processo de canonização do Beato Nuno foi reaberto a 13 de Julho de 2003, nas ruínas do Convento do Carmo, com sessão presidida por D. José Policarpo. O cardeal Patriarca definiu nessa celebração o Beato Nuno de Santa Maria como um modelo a seguir por todos os que exercem funções de responsabilidade. “Ele é um exemplo de um cristão que exerceu as suas missões civis com a coerência de um cristão” – sublinhou.

A 1 de Maio de 2004, nas comemorações dos 150 anos do Dogma da Imaculada Conceição, o Santuário de Vila Viçosa recebeu as relíquias do beato. Na homilia da celebração, D. Maurílio de Gouveia, então arcebispo de Évora, disse aos peregrinos que, nas constantes deslocações e correrias por caminhos de Portugal, D. Nuno dava “um testemunho inquebrantável da fé cristã; norteavam-no os critérios do Evangelho; alimentava-o a oração e, sobretudo, a Eucaristia”. E acrescentou: “Trabalhou, como poucos, talvez como ninguém, pela defesa e pelo progresso do seu torrão natal”.

A notícia esperada surgiu a 21 de Fevereiro de 2009, quando Bento XVI anunciou a canonização do «Condestabre». Um caminho longo – cerca de 578 anos - que culmina, a 26 deste mês, com a inscrição de Nuno Álvares Pereira no álbum dos santos.

O nome do Condestável

No século XX foram criadas diversas instituições de natureza patriótica e religiosa, que escolheram Nuno Álvares Pereira como Patrono. Entre elas contam-se a Cruzada Nun'Álvares, e, mais tarde, a Fraternidade Nun'Álvares, ainda activa, e destinada ao acolhimento de antigos membros do Escutismo Católico.

Para promover a figura do Condestável também apareceram associações como a Ala do Santo Condestável e a Associação Nun'Álvares. Em diversas escolas instituíram-se associações de alunos ou academias, com o seu nome.

Nuno é patrono da Infantaria portuguesa e do Corpo Nacional de Escutas. Este nome aparece ainda em múltiplas localidades, nas invocações de Nun'Álvares, Santo Condestável ou de Beato Nuno, em ruas e igrejas paroquiais (Lisboa e Bragança).

Em 1920, o Congresso da República aprovou a lei n.º 1012, pela qual era instituída, em 14 de Agosto, a «Festa do Patriotismo» e se determinava a erecção de um monumento a Nun'Álvares.

Em 1925, a Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira tomou a iniciativa de erguer esse monumento e no dia 14 de Agosto desse ano procedeu ao lançamento da primeira pedra, no antigo Jardim de Santos, em Lisboa, que passou a denominar-se Praça D. Nun'Álvares. Esta iniciativa não teve continuidade.

Um grande número de poetas portugueses celebrou a personalidade do herói e do santo, a começar por Luís de Camões, em “Os Lusíadas”, que evoca o santo na frase «Ditosa Pátria que tal filho teve».

Augusto Casimiro, Guerra Junqueiro, Corrêa de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa, e Moreira das Neves, cantaram o Condestável.

Por iniciativa da Ala do Santo Condestável produziu-se, em 1931, o filme «O Condestável, Herói dos Heróis», com texto de Zuzarte de Mendonça Filho.

Na Igreja em Portugal, celebra-se Memória, com ofício e Missa (Comum dos Santos, Religiosos) em 6 de Novembro, conforme tradição. É festa na Ordem dos Carmelitas, na Ordem dos Carmelitas Descalços e na Sociedade Missionária Boa Nova. É Memória obrigatória na Ordem da Cartuxa. O futuro Santo é Padroeiro secundário do Patriarcado de Lisboa.

Significado para a Ordem do Carmo

O Padre Fernando Millán Romeral, Prior Geral da Ordem do Carmo, refere à ECCLESIA que a canonização é um “motivo de alegria”, porque implica “o reconhecimento oficial, por parte da Igreja, desta figura tão querida e tão importante na tradição carmelita”.

“É um impulso, um incentivo para toda a Ordem do Carmo, especialmente nesta terra tão querida de Portugal”, acrescentou.

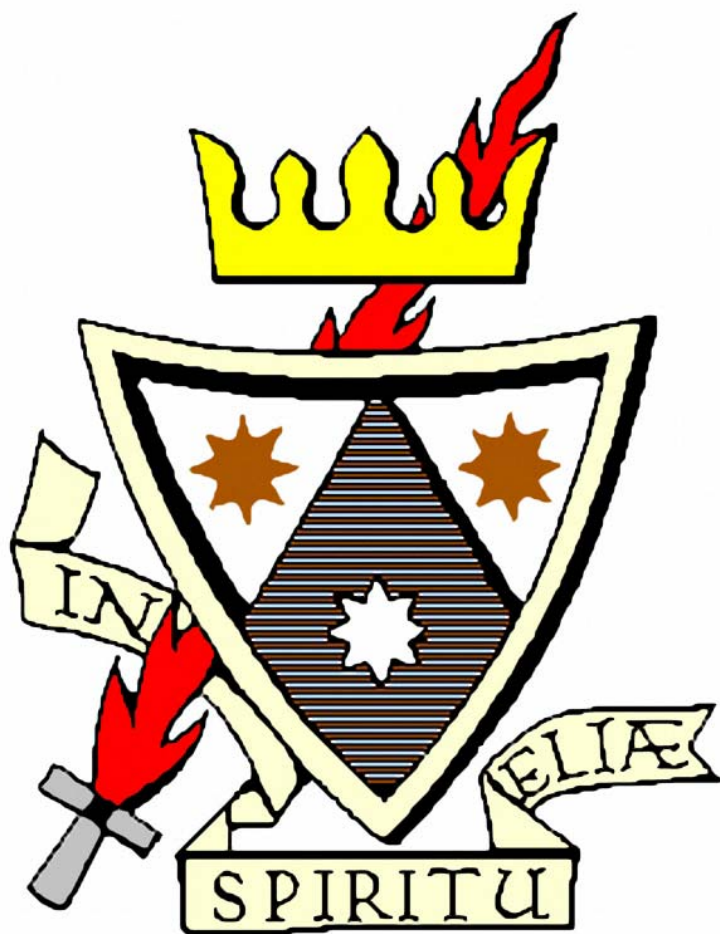
Para este responsável, Nuno Álvares Pereira foi “uma figura importantíssima na história do Portugal medieval, um herói nacional, com muitos títulos e poder, que soube deixar tudo por ter encontrado o essencial da vida cristã”.

Nesse sentido, ainda hoje surge como “um símbolo”, trazendo uma mensagem “importante, viva, actual”.

Tal como no tempo do Condestável, hoje vive-se uma crise, “crise de valores, uma certa confusão, um período de convulsões”.

“São precisas figuras como o Beato Nuno, que nos ajudem a encontrar o Norte, a descobrir os valores”, defende o Pe. Millán Romeral, mesmo que tenhamos de os viver “de outra maneira, com outras formas”.

Para o sacerdote espanhol, não há qualquer tipo de ressentimento em relação à carreira militar do futuro Santo contra Castela. “É uma figura muito simpática, muito querida no Carmelo espanhol, embora não seja



muito conhecida fora dos ambientes carmelitas”, admite.

“Não existe nenhum problema, fico muito feliz por ser espanhol e celebrar a Eucaristia em honra do Beato Nuno”, diz, lembrando que o Condestável sempre foi um homem religioso, tendo passado por uma “segunda conversão”, que o levou a “viver o Evangelho mais de perto” e a deixar todas as honras.

Se a nível popular, a canonização acontece desde o início, no Vaticano o processo foi muito longo, por diversos motivos. São Nuno de Santa Maria será, para o Prior Geral da Ordem do Carmo, um modelo “na devoção mariana, na devoção eucarística e no sentido da humildade”. A sua mudança radical “relativiza alguns dos ídolos que temos na nossa vida”.

Missão de vida

O Padre Francisco Rodrigues, vice-postulador da causa da canonização do Beato Nuno de Santa Maria, teve desde 2001 a missão de recolher, analisar e enviar para Roma os documentos e o relato miraculoso que foram fundamental para o pedido de canonização. Agora, fica com “a alegria do dever cumprido”.

O trabalho em favor desta canonização, “uma experiência ímpar”, é visto como uma missão de vida. Em declarações à Agência ECCLESIA, o sacerdote carmelita sublinha a fama de santidade de que goza o futuro Santo, em vários pontos do mundo, e fala da “humildade” e da atenção aos mais desfavorecidos como as grandes lições do Condestável para os nossos dias.

O trabalho foi “muito, longo, persistente” e o maior reconhecimento é ver o Beato Nuno no “catálogo universal” dos Santos da Igreja, no dia 26 de Abril. A celebração é particularmente simbólica para os Carmelitas, família religiosa a que aderiu o futuro Santo, reconhecido como o primeiro a criar uma “confraria do Escapulário”, à qual pertenceram o Rei, os príncipes e os irmãos de armas do Condestável. Depois de 100 anos, essa confraria transformava-se em Ordem Terceira. O vice-postulador não vê contradições entre a vida de militar e a fé do Condestável, considerando que “não podemos isolar”. “É uma vida toda, em que trabalho por Portugal, pelos valores”, assinala.

“Ele é um homem de palavra, de coerência, e torna-se conhecido por ser não só guerreiro, mas principalmente defensor. Nunca fez guerra, digamos assim, sempre defendeu”, acrescenta, respeitando a dignidade de todos, independentemente de serem adversários no campo de batalha. O futuro Santo “não deixava que o exército desbaratasse, depois de ganhas as batalhas, respeitava as pessoas. Isso vai culminar nos nove anos de vida como carne-lita, em Lisboa, trabalhando pe-

los pobres”.

“Este é um homem completo, religioso e santo, que será reconhecido como tal”, prossegue.

Para o Pe. Francisco Rodrigues, estamos na presença de “uma vida de muita fé, cimentada na Eucaristia e na devoção a Nossa Senhora”, fazendo do Beato Nuno um “modelo”.

A sua formação na doutrina da Cavalaria levou-o a “querer viver puro e virgem, para se consagrar a Nossa Senhora”. O casamento aconteceu “por obediência” ao pai, mas a presença de Maria é constante, visível na bandeira do Condestável. Já o cronista Carmelita José Pereira Sant’Anna dizia que Nuno Álvares Pereira chorava “copiosamente” diante da imagem de Nossa Senhora. Uma tradição – que era repetida pela mãe da Irmã Lúcia – refere que quando o Condestável (que foi Conde de Ourém) passou pela Cova da Iria, os seus cavalos ajoelharam. “É uma história que se contava em Fátima, não se pode provar, mas fica como o registo de uma devoção particular”, indica o vice-postulador da causa da canonização.

Uma cura milagrosa

Guilhermina de Jesus foi curada por intercessão do Beato Nuno Álvares Pereira, milagre que teve o reconhecimento do Vaticano. Esta católica, de 65 anos, vai estar presente no Vaticano, no dia 26 de Abril, quando Bento XVI canonizar o Condestável. Frei Francisco José Rodrigues aguarda confirmação da audiência com o Papa.

Originalmente de Lisboa, Guilhermina de Jesus estava na diocese de Leiria quando o milagre aconteceu. Actualmente, com 65 anos, encontra-se num “lugar incerto”. “Desde o dia 7 em que fui curada, senti uma paz muito grande que não quero perder por nada”, explica.

Ao saber que foi a sua cura que permitiu a canonização do Beato Nuno, esta portuguesa confessa: “Fiquei muito contente porque o Beato Nuno será mais conhecido e poderá ajudar mais pessoas como me ajudou a mim”.

Segundo a entrevista divulgada pela postulação da causa de canonização à Agência ECCLESIA, a devoção ao Beato Nuno existe “desde pequena, desde a escola primária, com a minha professora Dona Branca, comecei a gostar dele e a ter confiança nele”.

“Quando comecei a trabalhar em Ourém, mais o conheci e mais gostei dele. É um santo português muito perto de Deus e que nos pode ajudar muito”, acrescenta.

São Nuno, uma figura gigantesca

O homem que conduziu o processo de Nuno de Santa Maria no Vaticano, Cardeal José Saraiva Martins, não esconde o seu sentimento de gratidão por ter podido encerrar o seu percurso à frente da Congregação para as Causas dos Santos deixando praticamente concluído todo o dossier que levará à canonização de mais um português. Em entrevista à ECCLESIA, o Cardeal fala numa “figura gigantesca” que nem sempre foi bem compreendida ao longo da história.

Ecclesia – O que faz de Nuno Álvares Pereira um Santo?

Cardeal José Saraiva Martins – Essa pergunta vale para todos os outros Santos, a espiritualidade é a sua santidade. O Beato Nuno não é uma figura fora de moda, é actualíssima, por causa da mensagem que nos transmite.

É admirável na sua espiritualidade carmelita e no seu amor pelos pobres, o que é hoje muito actual. Nos últimos anos da sua vida, como se sabe, passava o tempo pelas ruas de Lisboa, a pedir esmola para os mais desfavorecidos, o que supõe um amor fantástico ao próximo. Hoje, quando se fala tanto em pobres, o exemplo do beato Nuno pode ser uma mensagem extremamente importante para a Igreja portuguesa, convidada a seguir o seu exemplo.

Por outro lado, tem uma espiritualidade profundamente mariana: antes e durante as batalhas, ajoelhava-se e rezava a Nossa Senhora. Isto é muito significativo, muito importante, era um militar e fazer isso supõe um grande acto de heroísmo.

Ecclesia – Que outras virtudes destacaria nesta figura?

JSM – Acima de tudo, a sua humildade. Deixou tudo, absolutamente tudo, e fez-se carmelita para se de-



dicar à vida religiosa e aos pobres. Esta é uma virtude que praticou em grau heróico.

Ecclesia – A devoção ao Beato Nuno já teve uma expressão considerável...

JSM – Já teve e eu acho que ainda tem, porque esta devoção está muito divulgada em Portugal, ele é um bocado como o São Genaro em Nápoles: para eles, aquele Santo protector é tudo.

Hoje, a devoção é muito viva entre o povo cristão, para os fiéis.

Ecclesia – Uma devoção muito mariana...

JSM – Sim, como disse antes, fica visível nos pedidos de ajuda e protecção à Mãe de Deus antes das batallas, uma expressão clara e evidente da devoção profunda e interior a Nossa Senhora.

Ele era um Santo do seu tempo e não devemos criticar certas devoções de então, porque pecaríamos com um anacronismo histórico. Temos de interpretar a história no contexto do passado. Seria um passado imperdoável ver com os olhos de hoje a história de ontem e isso vale também para o Beato Nuno, que viveu num tempo muito diferente do nosso. Contudo, a mensagem é a mesma e é validíssima.

Ecclesia – Na sua opinião, porque é que o processo esteve parado durante tanto tempo?

JSM – Isso será alvo de um estudo que irei publicar, em que lanço um olhar sobre as várias fases do processo. A demora aconteceu, muitas vezes, por questões burocráticas, outras vezes por não se ter compreendido a figura gigantesca do Beato Nuno.

Ecclesia – Não foi compreendido no Vaticano?

JSM – Não tanto no Vaticano, mas fora do Vaticano. Para dar um exemplo, em 1942 o Beato Nuno poderia ter sido canonizado, o Papa Pio XII tinha a convicção de que seria bom canonizá-lo e declarou-se disposto a fazê-lo por via de um decreto, ou seja, sem cerimónia litúrgica na Praça de São Pedro. Esta proposta, contudo, não foi aceite e acabou por se ficar sem a canonização e sem a cerimónia.

Ecclesia – Não foi aceite por quem?

JSM – A História é sempre complexa, seria muito longo explicar tudo aqui. Esteve em causa o compreender bem a história, o valor daquela figura e o significado da canonização.

Ecclesia – Hoje já ouvimos por aqui alguma contestação à canonização, até por causa do próprio milagre...

JSM – Quem faz essas afirmações teria de prová-las. Respondo afirmando que a cura da senhora Guilhermina de Jesus foi examinada (no Vaticano, ndr) pelo grupo de médicos, profissionais reputados, catedráticos universitários, que olham para o caso apenas do ponto de vista científico. É a voz da ciência, nua e crua, os médicos da Congregação para as

Causas dos Santos têm de agir como cientistas, chegámos mesmo a pedir pareceres a médicos agnósticos, nalguns casos. Se quem contesta o milagre quer ser mais do que os especialistas, então isso é outra coisa...

Ecclesia – Entende que hoje é possível conhecer melhor a figura para ultrapassar ambiguidades?

JSM – Certamente, hoje temos meios de que os nossos antepassados não dispunham.

Ecclesia – Como sente que está a ser vivida a preparação da cerimónia?

JSM – Com muito entusiasmo, pelo que pude observar, a começar pela família carmelita, que há muito tempo aspirava por este dia. Muitos portugueses irão a Roma e eu, como prefeito que levou ao fim este processo, sou a pessoa mais feliz do mundo.

Ecclesia – Sente que foi a cereja no cimo do bolo do trabalho que fez na Congregação?

JSM – Não, no fundo foi o Beato Nuno quem fez outro milagre, para ser canonizado agora, porque nos últimos 3 meses da minha prefeitura fez-se o que se faz, muitas vezes, em muitos anos: o exame da cura por parte dos médicos, dos teólogos, dos Cardeais da Congregação e, finalmente, a aprovação do Papa numa audiência privada. Foram meses muito intensos. Eu achava que era importante deixar a prefeitura com tudo terminado.

Ecclesia – A canonização pode ser uma oportunidade para reavivar o catolicismo português?

JSM – Eu acho que pode ser uma ocasião para rever certas posições de muitos crentes, para reavivar a fé, porque qualquer canonização é um momento importantíssimo para o país de origem do novo santo. É um erro pensar que só a Igreja está interessada nestes eventos, é também o Estado, todo o povo.

O Santo Condestável não contestável

António Bagão Félix

No meio da parafernália de pequenas, médias e grandes notícias sobre quase tudo e quase nada, foi com alegria que recebi a notícia da canonização de D. Nuno Álvares Pereira, o Santo Condes-tável. Como católico e como português. E também pelo facto de a este processo de canonização estar associado o Cardeal português D. Saraiva Martins, de quem, há cerca de três anos, tive a honra de apresentar o livro *“Como se faz um Santo”*.

É claro que esta simbólica distinção que muito honra a portugalidade no Mundo – mesmo que analisada apenas fora do contexto religioso – não faz manchetes, como fazem à profusão as distinções de um bom jogador de futebol, de um consagrado autor, de um artista de telenovela ou de um empresário de sucesso fulminante.

O que anima certos meios de opinião liofilizada e quase sempre desconhecedores da religião é a discussão (?) sobre a natureza do milagre que está associado à canonização do Beato Nuno. Mas o povo, na sua sabedoria genuína e despoluída, já há muito o havia consagrado como o Santo Condestável. Isso mesmo: santo carmelita e condestável chefe militar e primeiro dignitário do Reino!

Agora que os Santos parecem estar “fora de moda” numa sociedade de “zapping”, comportamentalmente hedonista, moralmente relativista e subjugada à “ditadura das banalidades”, o que vem à liça é minimizar a espiritualidade e a transcendência as-



sociadas à santidade. Daí que, nesta onda em que é quase compulsivo em certos meios pôr em causa tudo o que emerge no seio da Igreja, o Santo Condestável seja depreciado por alguns como um “contestável santo”...

O que é certo é que D. Nuno Álvares Pereira, cuja vida de verdadeiro patriota não é de todo contestável e nos habituámos a respeitar, é um exemplo num tempo em que o valor da exemplaridade escasseia. Não apenas na sua vida mais religiosa quando após a morte da sua mulher e despojado de todas as propriedades, títulos e honrarias, se tornou carmelita e viveu um tempo totalmente dedicado aos mais pobres entre os pobres, mas igualmente como notável general de uma guerra que nos garantiu a independência seriamente ameaçada.

Ser santo - como o demonstra a vida de Nuno Álvares Pereira - sempre representou uma forma de subver-

são, traduzida em cada época de modo diverso e como regra vivida na ausência de qualquer forma de poder, que é onde se revela toda a força da presença de Deus.

Na sociedade contemporânea em que, no plano da relação com Deus, clamamos muito mas obedecemos pouco, o Santo é uma espécie de novo insurrecto sinalizador e modelo da pureza, da harmonia, da espiritualidade levada à sua mais bela singeleza.

No fundo, somos reconduzidos à mais forte constatação: a de que para se ser santo é necessário praticar e, acima de tudo, concretizar o Evangelho. Assim se atinge a perfeição da caridade entendida como a mais elevada medida de amor para com o Criador e para com o próximo. São Paulo haveria de sintetizá-la numa curtíssima expressão: *não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim*.

A santidade de Nuno Álvares Pereira simboliza a purificação da heroicidade do simples e é a expressão vitoriosa do homem de e para todos os tempos sobre o homem do instante.

A santidade sempre foi entendida como a expressão da Graça Divina, mas também da condição livre de se ser pessoa. O Santo Condestável representa, na História de Portugal e do Mundo, este traço de união entre o passado e o futuro, entre a memória e o exemplo, entre a vida pública e a consagração a Deus.

O Beato Nuno de Santa Maria é um exemplo de uma vida ao serviço do outro, alicerçada numa fé inabalável e num espírito de radical caridade. Através dele poderemos entender melhor o caminho da santidade pelo qual a caridade é, ao mesmo tempo, o coração da inteligência e a inteligência do coração, e que só a partir do nosso interior se pode transformar o que nos é exterior.

Se há quem congregue sem ensinar e quem ensine sem congreguar, o novo santo português ensinou pela universalidade do seu exemplo e congregou na perfeição das suas virtudes. Parafraseando S.S. o Papa Bento XVI, D. Nuno viveu profundamente consciente que *“se Deus não está presente tudo se torna completamente insuficiente”*.

Neste momento em que escrevo, não posso deixar de registar, no plano institucional e político, uma atitude e uma omissão.

A atitude de o Senhor Presidente da República, como o mais alto magistrado da Nação, se ter congratulado, em nome de Portugal, e considerado D. Nuno

“uma figura maior da nossa história que, no passado e no presente, deve inspirar os portugueses na busca de um futuro melhor”.

A omissão e o silêncio do lado do Governo e de alguns partidos políticos, sempre tão pródigos e rápidos em felicitar outras personagens nem sempre significantes e em formular votos de congratulação por dá cá aquela palha.

É recorrente nestas alturas usar-se e abusar-se do argumento da separação compulsiva entre o Estado e a Igreja. A louvável e imperativa neutralidade religiosa do Estado não pode, porém, transformar este num Estado anti-religião.

A laicidade do Estado não implica a laicidade da sociedade. A sociedade é plural no sentido religioso e é perigoso confundir sistematicamente, neste plano, Estado e Sociedade. A separação do Estado e da Igreja também não significa neutralidade por omissão, indiferença, abstenção, ignorância ou desconhecimento dos fenómenos religiosos e muito menos hostilidade.

Mas no caso de D. Nuno Álvares Pereira não se exige do Estado que o homenageie como santo católico. Apenas, que o sinalize para as gerações vindouras como grande, ilustre e exemplar português. A História faz parte do presente e do futuro, embora, como um dia escreveu Miguel Torga, *“os nossos governantes não querem saber da História. Para eles tudo começa na hora em que assumem o poder”*

Em suma: o Beato Nuno é agora consagrado universalmente como o São Nuno de Santa Maria. O povo vê assim confirmado pelo Papa o nome de um incontestável Santo Condestável!

Uma causa de Portugal

Inês Dentinho

D. Nuno Álvares Pereira foi portador de uma santidade moderna. Confrontou as suas decisões à luz de uma união com Deus em situações contingentes, de enorme exigência. Foi santo como os que hoje se envolvem nas coisas do Mundo: políticos, militares ou empresários.

Obedecendo aos ideais de Cavalaria, teve uma prática de vanguarda na defesa de Direitos Humanos e no cuidado ao próximo. Por exemplo, em vez de deixar morrer ou matar o inimigo vencido, pelo contrário, organizava hospitais de campanha para cuidar desses feridos, dava-lhes terras e mandava vir as suas famílias para poderem refazer a vida em Portugal. Do mesmo modo, enviava cereais para Espanha quando lhe chegaram notícias da fome que grassava nas terras da rota do exército inimigo, em retirada.

Nun'Álvares foi um homem que não conhecia as fronteiras políticas, raciais ou religiosas para praticar os valores do Evangelho. Sabe-se que, já naquele tempo, apoiou a construção de mesquitas e sinagogas para garantir aos Mouros e aos Judeus a prática de uma liberdade religiosa nem sempre reconhecida. É também com Nun'Álvares que se institui a prática do caldeirão da sopa dos pobres que, ainda hoje, com nova urgência, se serve nos Anjos, em Lisboa. Sendo o homem mais abastado do Reino, retirou-se para a vida espiritual na Ordem do Carmo deixando os seus bens ao serviço dos mais desprotegidos.

A virtudes humanas de Nun'Álvares Pereira transfor-



maram-no num modelo para os portugueses para saber vencer provações, em tempos de crise. Gerou uma devoção contínua nos últimos seis séculos. Desde o momento da sua morte que foi considerado santo - o Santo Condestável - sendo a sua sepultura um lugar de culto continuado até ao Terramoto de 1755 e, depois, nos diferentes lugares das relíquias. A canonização não é, por isso, um acto feito agora, nos primeiros anos do século XXI, por um súbito milagre. O processo de canoniação em Roma conheceu a estagnação que, por vezes, os portugueses põem nas suas causas, a par de uma eficaz resistência espanhola.

O Símbolo de Nuno Álvares

Guilherme d'Oliveira Martins

À primeira vista há quem manifeste perplexidade. Porquê falar de Nuno Álvares Pereira em pleno século XXI, e ainda por cima como referência religiosa? Porquê homenageá-lo como referência cristã? A dúvida tem, no entanto, muito menos a ver com a personagem histórica e com o seu significado, do que com a sua escolha em diversos momentos (cuja recordação está viva) em nome de uma relação equívoca entre o Estado e a Igreja ou de uma relação na qual havia quem desejasse que as fronteiras não fossem nítidas – como em tempos da pré-história da liberdade religiosa, distantes de uma laicidade serena e criadora. É, pois, tempo de olhar a figura, em si, para além de equívocos e de aproveitamentos. Não há, assim, razão para associá-la a um nacionalismo desajustado dos sinais dos tempos de hoje, nem para a ligar a um patriotismo fechado e retrógrado, que Nuno Álvares Pereira nunca assumiu. É que aquilo que muitas vezes vem à memória não é a memória autêntica do herói e do santo, mas são as referências mais recentes de um tempo em que o Condes-tável foi usado como bandeira de causas de isolamento e de auto-comprazimento nacional... Basta a leitura atenta da biografia de Nuno Álvares Pereira para se perceber que a figura é das mais ricas da história portuguesa. Leia-se Fernão Lopes, o cronista anónimo do Condestabre, Camões, Garrett, Oliveira Martins, Jaime Cortesão e Fernando Pessoa – aí encontramos o gentil homem de horizontes aber-



tos e sentido de futuro, o homem das alvoradas, Nuno Madruça, como ficou conhecido. Numa atitude de grande coragem moral e cívica, defendeu a causa do Mestre de Aviz, contra a sua própria família, em nome de uma legitimidade nova. Foi um homem que viu adiante do seu tempo, moderno na nossa aceção. Foi um dos protagonistas decisivos no acelerar do fim do tempo medievo em Portugal. Leitor e entusiasta dos textos do ciclo bretão, admirador de Camelot, a corte do rei Artur, e seguidor do mais puro dos cavaleiros dessa Távola Redonda, Galaaz, D. Nuno tornou-se símbolo da liberdade e independência de espírito. Na crise de 1383-85 esteve ao lado da causa que faria vencimento nas Cortes Gerais de Coimbra. E, saindo do movimento que implantaria a dinastia joanina, como o mais influente da nova nobreza, logo definiu para si um estatuto de pobreza e de total entrega religiosa, tornando-se fundador do Convento do Carmo, Frei Nuno de Santa Maria, e desejando ser um entre os muitos pobres de Lisboa, empenhado na sua defesa. O herói de ontem, no domínio militar (onde foi o mais brilhante executor dos mais avançados métodos de acção do momento), tornar-se-ia herói de outro tipo no final da vida, ocupado na causa de ajudar os mais pobres e des-protegidos. Na História portuguesa, tão cheia de referências his-

tóricas, Nuno Álvares Pereira é um símbolo singular. Representa a vontade de ser autônomo, independente e emancipado. E quando seguiu um caminho diferente dos seus pares da velha nobreza fê-lo com sentido prático e profético, a olhar para diante. Significa a exigência de ser justo e compreensivo dos outros, numa marca em que a santidade é também cidadania e liga-se ao humanismo universalista, que Jaime Cortesão encontrou como característica peregrina da presença dos portugueses no mundo. Afirma a perspectiva moderna da legitimidade dos povos com o culto dos valores de uma espiritualidade aberta e desempoeirada, que a leitura da sua biografia bem demonstra, ao invés de certos anacronismos cultivados serodamente.

Cortesão diz-nos que “a Nação só atingiu a maioria política e a plena expressão nacional com a ‘revolução democrática’ do século XIV, conforme lhe chamou Oliveira Martins, e o triunfo da incorporação das classes populares na vida política”. Ora, esta ordem, para ser implantada, precisou de legistas e de militares, de aristocratas e de burgueses, de leigos e religiosos, do Estado e dos concelhos – e Nuno Álvares Pereira esteve no coração dessa passagem e dessa construção. E o certo é que teve a sabedoria para ser, a um tempo, um dos decisivos criadores da nova sociedade, mantendo intacto o território que D. Dinis fizera definir em Alcanizes, concedendo às diversas ordens do reino, como era timbre da melhor legitimidade desse tempo, as condições para que a Nação continuasse independente, em nome da liberdade e da emancipação, sendo ainda um mestre espiritual a ensinar que o amor e a justiça têm de se viver em estreita ligação. Compreende-se, pois, que, pouco depois da beatificação, na homenagem que a Primeira República fez aos heróis desconhecidos da guerra mundial, o Presidente António José de Almeida tenha qualificado Nuno Álvares como “companheiro de Portugal”.

Iconografia de São Nuno de Santa Maria

D. Carlos Azevedo
Bispo Auxiliar de Lisboa

As descrições fisionómicas de Nuno de Santa Maria, referidas pelos cronistas carmelitas, apontam como características principais do seu rosto: comprimido e branco, nariz afilado, olhos pequenos e vivos, sobrancelhas arqueadas, rugas na testa, boca pequena, cabelo e barba ruivos, sendo esta pouco densa e caída.

Quando se trata de iconografia de santos, a primeira questão é saber se há “verdadeira efígie”. Ora, para São Nuno de Santa Maria é considerado um retrato do século XV, no espaldar da sacristia do Convento do Carmo de Lisboa, de meio-corpo e vestido como donato carmelita (meio-irmão). Este quadro ardeu no terramoto de 1755, mas conservam-se muitas figuras semelhantes. Começamos, por isso, esta sucinta evolução icono-gráfica do Condestável pela representação de donato carmelita, antes de passarmos à veste de guerreiro.

Carmelita

São inspiradas no quadro do Carmo: pintura do século XVI, da Casa Pombal-Oeiras-Santiago; a xilogravura da segunda edição da Crónica do Condestabre (1554) e um desenho de Fr. Manuel de Sá de 1721. Há no Museu Nacional de Arte Antiga dois retratos (séc. XVII) de São Nuno, de meio-corpo. Um veste D. Nuno com capa branca, imprópria de um donato. Outro, proveniente do Mosteiro de S. Vicente de Fora, continua a revesti-lo de murça, com gola ornada por abertura. Muito semelhante é a gravura



a buril de Pieter Perret para a edição do poema de Francisco Rodrigues Lobo, de 1610. Aqui coloca-lhe, pela primeira vez, um rosário ou camândula, na mão direita encostada ao peito.

A primeira imagem a mostrar Nuno de Santa Maria de corpo inteiro, na veste de religioso, é a rude pintura seiscentista sobre tábua (Moura). Mostra o donato com rosário e bastão na mão direita, segurando na esquerda maqueta de igreja.

Condestável

Voltando à versão retratista consideremos, agora, a representação de São Nuno como guerreiro. A primeira figura conhecida é uma xilogravura da Crónica

do Condestabre, da edição de Germão Galhardo, 1526. Trata-se de Nuno Álvares Pereira de corpo inteiro, de pé, calvo. Revestido de armadura, sustenta com as duas mãos a maça. No chão, à sua direita, o elmo.

A tela (séc. XVI-XVII) da Casa do Cadaval, em Sintra, apresenta Nuno armado com rico arnês e pelote ornamentado. Na direita segura a maça e na esquerda a espada. No canto superior esquerdo, vê-se o braço dos Pereiras, e no canto inferior direito, o elmo.

Beatificação

Após a beatificação, em 1918, multiplicam-se as imagens. Figurado como guerreiro, com a mão direita sobre o peito e espada, escudo e capa na esquerda é a Estátua de B. Verghetti, existente no Pontifício Colégio Português (1925). Pela mesma data, também Maria do Carmo dos Santos Pereira de Vasconcelos esculpiu um Nuno jovem guerreiro, com as duas mãos a sustentar a espada, elmo no chão e olhos no alto. Encontrava-se na sala das sessões da Juventude católica, em Lisboa.

A Escola Prática de Infantaria de Mafra mandou executar (1950) uma escultura do guerreiro, com elmo e couraça. Segura a espada na direita sobre o peito e na esquerda o grande escudo, com a cruz dos Pereiras.

Recente é a estátua equestre de Nuno Álvares, obra de Simões de Almeida, implantada junto ao mosteiro da Batalha. O Museu de Amarante conserva desenho de António Carneiro (1927) com São Nuno a cavalo, com espada na mão esquerda.

Deixando, por agora, de lado representações raras com atribuição duvidosa, podemos referir a representação de Nuno como pagem num fresco do Palácio da Justiça do Porto, feito por Dórdio Gomes.

Cenas da vida

Uma posição que iria ser muito glosada consiste em representar o santo de joelhos, em oração. É o caso do registo holandês do século XVIII, no qual Nuno Álvares está diante de imagem de Maria, em altar. No chão uma coroa ducal e um elmo de guerreiro.

O famoso gravador Debrie executou (1749), para a *Chronica dos Carmelitas* de José Pereira de Santa Ana, a representação de diversos episódios: 1) Capítulo de 1423; 2) Nuno Álvares à porta do convento do Carmo; 3) Nuno de Santa Maria, vestido de donato, acompa-

nha arquitecto e três religiosos em visita às obras do convento.

Também setecentistas são os azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Orada, em Sousel, com as seguintes cenas: 1) Nuno Álvares manda edificar um convento; 2) Nuno Álvares de joelhos diante de imagem de Maria; 3) Nuno Álvares em oração, de joelhos, enquanto uma legião de anjos sobe escada; 4) Nuno acorre à batalha dos Atoleiros. O azulejo foi também usado por Jorge Colaço, seja na Capela de Fradelos, no Porto, onde o Condes-tável está de joelhos, seja na grande cena da Estação de S. Bento, Porto, que representa o santo a cavalo, na entrada de D. João I na cidade do Porto. O azulejo da Igreja da Senhora da Conceição, no Porto, mostra Nuno Álvares com bandeira erguida na esquerda e espada na direita, diante de campo de batalha e da fachada do Mosteiro da Batalha.

Na Casa-mãe dos Carmelitas Calçados (1916), em Roma, Giuseppe Gonnella pintou duas telas: 1) Vestição ou imposição do hábito a Nuno Álvares, copiada em azulejo da igreja do Carvalhido. 2) D. Nuno carmelita, com a mão direita estendida a apontar para uma mesa, sobre a qual estão a sua bandeira, a espada e o elmo.

Alfredo Morais tratou vários passos da vida de Nuno Álvares Pereira: 1) prostrado em oração em plena batalha de Valverde; 2) Nuno Álvares em glória (1932). 3) Nuno Álvares à porta do convento, a mostrar o arnês debaixo do hábito.

O escultor Teixeira Lopes criou um belíssimo tríptico condestabriano, em baixo-relevo seleccionando três momentos da vida do santo: 1) Nuno de Santa Maria a cavalo, orientado por uma espécie de anjo; 2) Nuno Álvares semi-ajoelhado faz promessa diante da Maria; 3) Morte de Nuno de Santa Maria. Em 1929, esculpiu um baixo-relevo intitulado “Visão”. Finalmente existe também um relevo denominado “Ditosa pátria” que junta o nosso herói com Camões, a homenagear a Pátria. O pintor Sousa Lopes tem telas no Museu Militar.

São interessantes as criações para ilustrar livros: Carlos Carneiro, Gouvêa Por-tuense e Martins Barata, por exemplo. Martins Barata executou um fresco para a Igreja de Santo Eugénio em Roma, dedicado à Senhora de Fátima. Aí mostra vários santos portugueses, entre os quais São Nuno de joelhos, mãos erguidas, com a bandeira do lado esquerdo e a espada no chão.

O Pe. Formigão e o Santo Condestável

A. Pinto Cardoso, Postulador da Causa de canonização do Pe. Manuel Nunes Formigão

Uma das figuras que mais contribuíram para o culto do Beato Nuno Álvares Pereira, durante os primeiros anos da República em Portugal, foi o Pe. Manuel Nunes Formigão, mais conhecido pelas suas relações com os pastorinhos de Fátima.

O Pe. Formigão chegou a Santarém, no ano lectivo de 1909-10, numa fase crítica da vida política nacional. No ano anterior, tinha ocorrido o regicídio e no ano seguinte seria proclamada a República. Com o seu cenário jacobino e anti-ecclesial, o regime republicano “invadiu” também a cidade de Santarém, onde o jovem professor do Seminário pôde testemunhar esbulhos, profanações e perseguições. Entretanto, milhares de soldados portugueses foram enviados para as frentes de batalha numa guerra feroz que dizimava a Europa entre 1914 e 1918.

Tendo como fundo este quadro negro e ameaçador, o P. Formigão passou a intervir positivamente mediante uma acção discreta e real junto dos jovens estudantes da cidade. Nomeado professor do Liceu Sá da Bandeira em 1917, função que desempenhou até 1929, aproveitou essa situação para ajudar os estudantes na sua formação, envolvendo-os em actividades apostólicas, com a mira de salvaguardar a identidade portuguesa, inseparável da sua matriz cristã.

Com esse objectivo fundou a Associação Nun’Álvares, congregando um núcleo de jovens que tomou como patrono e como modelo a figura do Condestável, Herói e Santo nacional. Retomando o culto do Santo Condestável, o Pe. Formigão estava a indicar à ju-

ventude o caminho a seguir, precisamente numa época muito crítica para o País e para a Igreja. A grande figura de Nuno Álvares Pereira emergia como uma esperança para Portugal, reunindo os católicos à volta daquele que significava simultaneamente a defesa da Pátria e da Igreja.

Entre as diversas actividades, a Associação proporcionava ao grupo aulas de música, de dicção, serões de arte, conferências, palestras, recitações, passeios. O Pe. Formigão compôs o hino da Associação e inspirou a sua artística bandeira. Com um grupo de teatro, ensaiou e representou a peça “O sonho do Condestável”. Para manter o contacto entre os membros, fundou um órgão de comunicação, ao qual foi dado o título de “Herói e Santo”, o qual teve pouca duração. Por outro lado, em 1922, um grupo de antigos alunos de Santarém fundava em Lisboa uma revista quinzenal – “Cruzada Nacional Nun’Álvares – de que saíram poucos números.

E perante a pobreza e a miséria, agravada com o surto epidémico da pneumónica, em 1918, despertou os jovens para a caridade cristã, envolvendo-os em peditórios e ajudas, numa acção de tal modo notória que mereceu o reconhecimento das autoridades cívicas.

A Associação, cujos Estatutos datam de 26 de Março de 1917, foi comparada ao CADC de Coimbra e, de algum modo, vista como precursora do movimento da Acção Católica. Numa época muito crítica para o país, o Pe. Formigão deu substância e ânimo a esse movimento que indicava a figura do “Santo Condestável” como modelo a seguir. Como coroa desse movimento, pouco depois, Nun’Álvares seria elevado às honras dos altares pelo Papa Bento XV, em 23 de Janeiro de 1918.

O facto foi objecto de solenes homenagens ao Santo Condestável em Santarém, de 13 a 16 de Junho desse ano, promovidas pela Associação. Por trás dos comunicados dos Cadetes de Nun’Álvares ao povo de Santarém está a pessoa do Pe. Formigão, assim como de todo o programa. Este incluía uma exposição de pintura, um congresso da juventude católica, diversos actos religiosos e um bode para quinhentos pobres.

O mesmo se diga das homenagens ao Santo Condestável, que se seguiram em Novembro de 1920, onde um dos números era um jantar para cinquenta rapazes pobres, em Novembro de 1931 por ocasião do 5º centenário da sua morte

Exemplo heróico em tempo de crise

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa por ocasião da canonização de Nuno Álvares Pereira

1. Nuno Álvares Pereira proclamado santo

A 21 de Fevereiro de 2009, o Papa Bento XVI anunciou a canonização de D. Nuno Álvares Pereira – o já beato Nuno de Santa Maria – para o dia 26 de Abril, junto com outras quatro figuras ilustres da Igreja. Este facto é para Portugal e os portugueses motivo de júbilo e de esperança. Deve também constituir ocasião de reflexão sobre as qualidades e virtudes heróicas desta relevante personagem histórica, digna de ser conhecida e imitada nos dias de hoje. Nuno Álvares Pereira viveu em tempos difíceis de crise dinástica, com fortes divisões no tecido social e político português, que punham em perigo a própria identidade e independência da Nação.

Os Bispos de Portugal, em nome de todos os católicos do nosso país, desejam exprimir a sua alegria e gratidão pelo reconhecimento oficial da santidade heróica de mais um filho da nossa terra. Ultrapassando a mera saudade do passado e assumindo, com realismo e esperança, o tempo que nos é dado viver, querem ressaltar algumas virtudes heróicas de Nuno Álvares Pereira, cuja imitação ajudará a responder aos desafios do tempo presente.

2. Breves dados biográficos

Nascido em 1360, Nuno Álvares Pereira foi educado nos ideais nobres da Cavalaria medieval, no ambi-



ente das ordens militares e depois na corte real. Tal ambiente marcou a sua juventude. As suas qualidades e virtudes impressionaram particularmente o Mestre de Aviz, futuro rei D. João I, que encontrou em D. Nuno o exímio chefe militar, estratega das batalhas dos Atoleiros, de Aljubarrota e Valverde, vencidas mais por mérito das suas virtudes pessoais e da sua táctica militar do que pelo poder bélico dos meios humanos e dos recursos materiais.

Casou com D. Leonor Alvim de quem teve três filhos, sobrevivendo apenas a sua filha Beatriz, que viria a casar com D. Afonso, dando origem à Casa de Bragança. Tendo ficado viúvo muito cedo e estando

consolidada a paz, decidiu aprofundar os ideais da Cavalaria e dedicar-se mais intensamente aos valores do Evangelho, sobretudo à prática da oração e ao auxílio dos pobres. Assim, pediu para ser admitido como membro da Ordem do Carmo, que conheceu em Moura e apreciara pela sua vida de intensa oração, tomando o profeta Elias e Nossa Senhora como modelos no seguimento de Cristo.

De Moura, no Alentejo, vieram alguns membros da comunidade carmelita, para o novo convento que ele mesmo mandara construir em Lisboa. Em 1422, entra nesta comunidade e, a 15 de Agosto de 1423, professa como simples irmão, encarregado de atender a portaria e ajudar os pobres. Passou então a ser Frei Nuno de Santa Maria. Depois de uma intensa vida de oração e de bem fazer, numa conduta de grande humildade, simplicidade e amor à Virgem Maria e aos pobres, faleceu no convento do Carmo, onde foi sepultado.

Logo após a sua morte começou a ser venerado como santo pela piedade popular. As suas virtudes heróicas foram oficialmente reconhecidas pelo Papa Bento XV, que o proclamou beato, em 1918, passando a ter celebração litúrgica a 6 de Novembro.

3. Virtudes e valores afirmados na vida de Nuno Álvares Pereira

D. Nuno Álvares Pereira não é apenas o herói nacional, homem corajoso, austero, coerente, amigo da Pátria e dos pobres, que os cronistas e historiadores nos apresentam. Ele é também um homem santo. A sua coragem heróica em defender a identidade nacional, o seu desprendimento dos bens e amor aos mais necessitados brotavam, como água da fonte, do amor a Cristo e à Igreja. A sua beatificação, nos começos do século XX, apresentou-o ao povo de Deus como modelo de santidade e intercessor junto de Deus, a quem se pode recorrer nas tribulações e alegrias da vida.

Conscientes de que todos os santos são filhos do seu tempo e devem ser vistos e interpretados com os critérios próprios da sua época, desejamos propor alguns valores evangélicos que pautaram a sua vida e nos parecem de maior relevância e actualidade. Os ideais da Cavalaria, nos quais se formou D. Nuno, podem agrupar-se em três arcos de acção: no plano militar, sobressaem a coragem, a lealdade e a gene-

rosidade; no campo religioso, evidenciam-se a fidelidade à Igreja, a obediência e a castidade; a nível social, propõem-se a cortesia, a humildade e a beneficência. Foram estes valores que impregnaram a personalidade de Nuno Álvares Pereira, em todas as vicissitudes da sua vida, como documentam os seus feitos militares, familiares, sociais e conventuais.

Fazia também parte dos ideais da Cavalaria a protecção das viúvas e dos órfãos, assim como o auxílio aos pobres. Em D. Nuno, estes ideais tornaram-se virtudes intensamente vividas, tanto no tempo das lides guerreiras como principalmente quando se desprendeu de tudo e professou na Ordem do Carmo. Como porteiro e esmoler da comunidade, acolhia os pobres de Lisboa, que batiam às portas do convento e atendia-os com grande humildade e generosidade. Diz-se que teve aqui origem a «sopa dos pobres».

Levado pela sua invulgar humildade, iluminada pela fé, desprendeu-se de todos os seus bens – que eram muitos, pois o Rei o tinha recompensado com numerosas comendas – e repartiu-os por instituições religiosas e sociais em benefício dos necessitados. Desejoso de seguir radicalmente a Jesus Cristo, optou por uma vida simples e pobre no Convento do Carmo e disponibilizou-se totalmente para acolher e servir os mais desfavorecidos. Esta foi a última batalha da sua vida. Para ela se preparou com as armas espirituais de que fala a carta aos Efésios (cf. Ef 6, 10-20) e a Regra do Carmo: a couraça da justiça, a espada do Espírito (isto é, a Palavra de Deus), o escudo da fé, a oração, o espírito de serviço para anunciar o Evangelho da paz, a perseverança na prática do bem. Precisamos de figuras como Nuno Álvares Pereira: íntegras, coerentes, santas, ou seja, amigas de Deus e das suas criaturas, sobretudo das mais débeis. São pessoas como estas que despertam a confiança e o dinamismo da sociedade, que fazem superar e vencer as crises.

4. Apelo à Igreja em Portugal e a todos os homens e mulheres de boa vontade

Ao aproximar-se a data da canonização do beato Nuno Álvares Pereira, pelo Papa Bento XVI, em Roma, alegramo-nos por ver mais um filho da nossa terra elevado às honras dos altares. Algumas peregrinações estão a ser organizadas para marcar a nossa presença na Praça de S. Pedro, na festa da sua

canonização, no dia 26 de Abril. Confiamos que outras iniciativas pastorais sejam promovidas para dar a conhecer e propor como modelo o exemplo de virtude heróica que nos deixou este nosso irmão na fé. A pessoa e acção de Nuno Álvares Pereira são bem conhecidas do povo português. A nível civil, é lembrado em monumentos, praças e instituições; a nível religioso, é celebrado em igrejas, imagens e associações. Figura incontornável da nossa história, importa revitalizar a sua memória e dar a conhecer o seu testemunho de vida. Para além de ser um modelo de santidade, no seguimento radical de Cristo, que «não veio para ser servido mas para servir» (Mt 20, 28), apraz nos pôr em relevo alguns aspectos de particular actualidade, para todos os homens e mulheres de boa vontade:

– Nuno Álvares Pereira foi um homem de Estado, que soube colocar os superiores interesses da Nação acima das suas conveniências, pretensões ou carreira. Fez da sua vida uma missão, correndo todos os riscos para bem servir a Pátria e o povo.

– Em tempo de grave crise nacional, optou corajosamente por ser parte da solução e, numa entrega sem limites, enfrentou com esperança os enormes desafios sociais e políticos da Nação.

– Coroado de glória com as vitórias alcançadas, senhor de imensas terras, despojou-se dos seus bens e optou pela radicalidade do seguimento de Cristo, como simples irmão da Ordem dos Carmelitas.

– Não se valeu dos seus títulos de nobreza, prestígio e riqueza, para viver num clima de luxos e grandezas, mas optou por servir preferencialmente os pobres e necessitados do seu tempo.

Vivemos em tempo de crise global, que tem origem num vazio de valores morais. O esbanjamento, a corrupção, a busca imparável do bem estar material, o relativismo que facilita o uso de todos os meios para alcançar os próprios benefícios, geraram um quadro de desemprego, de angústia e de pobreza que ameaçam as bases sobre as quais se organiza a sociedade. Neste contexto, o testemunho de vida de D. Nuno constituirá uma força de mudança em favor da justiça e da fraternidade, da promoção de estilos de vida mais sóbrios e solidários e de iniciativas de partilha de bens. Será também um apelo a uma cidadania exemplarmente vivida e um forte convite à dignificação da vida política como expressão do melhor humanismo ao serviço do bem comum.

Os Bispos de Portugal propõem, portanto, aos homens e mulheres de hoje o exemplo da vida de Nuno Álvares Pereira, pautada pelos valores evangélicos, orientada pelo maior bem de todos, disponível para lutar pelos superiores interesses da Pátria, solícita por servir os mais desprotegidos e pobres. Assim seremos parte activa na construção de uma sociedade mais justa e fraterna que todos desejamos.

Fátima, 6 de Março de 2009

Frei Nuno de Santa Maria

Discurso de D. José Policarpo no Encerramento da fase diocesana do Processo de Canonização.

Este momento de encerramento da fase diocesana do Processo de Canonização de Frei Nuno de Santa Maria, é carregado de significado e de esperança. Desde a sua morte que ele é, para os portugueses, o Santo Condestável. De facto, as manifestações públicas de culto e veneração por parte do Povo, e da própria Corte, seguiram-se logo à sua morte, o que mostra como este homem cristão, que exerceu altas e decisivas funções na consolidação da independência e definição da nacionalidade, e acabou a sua vida na simplicidade contemplativa de um mosteiro de carmelitas, se tornou símbolo e modelo da santidade cristã, o que o colocou espontaneamente na situação de intercessor e protector, junto de Deus que adorou e da Santíssima Virgem, de quem era filho querido e devotado.

Quando o Papa Urbano VIII decreta que a declaração de santidade fica dependente de processo formal, faz uma excepção para aqueles cristãos a quem, há mais de duzentos anos, era prestado culto e reconhecida, pelo Povo, a santidade. Era o caso de Frei Nuno de Santa Maria, que desde o início foi alvo da devoção popular e teve memória litúrgica, pelo menos no calendário da Ordem Carmelita. Só hesitações históricas, agravadas por acontecimentos como a perda da independência, em 1580, e o terramoto que destruiu o Convento do Carmo, principal centro dessa devoção, porque aí se encontrava o seu túmulo, fizeram com que se sujeitasse, várias vezes, a declaração de Santidade de Frei Nuno de Santa Maria, às

exigências formais de um processo de canonização, que, no rigor da disciplina para as Causas dos Santos, a ele não se aplicava. Espero vivamente que estes dados históricos sejam tidos em conta na análise deste processo.

Neste momento, no início do século XXI, no contexto de uma sociedade secularizada que é preciso reevangelizar, a canonização de um cristão como o Condestável do Reino, que trocou as honras e as benesses da sua situação pela humildade da vida monástica, porque a isso o impeliu a Glória de Deus e o serviço humilde dos pobres, tem a força de um sinal: a importância e a missão dos justos na Cidade. O testemunho de vida crente dos cristãos na Cidade, imprimindo ao seu serviço da sociedade a marca da novidade cristã, é hoje um caminho importante para a evangelização da Cidade. A proclamação do Evangelho é um testemunho de vida, e é quando a fé marca a qualidade de uma forma de estar e de servir, que ela se torna testemunho que interpela os corações. Desde o Antigo Testamento está dito que um justo pode salvar a Cidade.

Em D. Nuno Álvares Pereira foi impressionante esta síntese harmónica da vivência da sua fé e o desempenho das altas funções que a Nação lhe atribuiu. Ele torna-se, assim, desafio para quantos, hoje, exercendo os seus cargos ao serviço da Nação, têm tendência em separar a sua fé das funções que exercem. A nossa Cidade precisa do testemunho dos justos.

D. Nuno deu-nos, também, o testemunho da primazia de Deus e da Sua Glória, acima de todas as coisas. O seu apagamento na vida monástica, em que só se tornaram notórias, a sua humildade e o seu amor aos pobres, são afirmação dessa primazia de Deus, a Quem se ama acima de todas as coisas.

Portugal não espera pelo resultado deste processo para o venerar como Santo e Intercessor. Mas a proclamação dessa santidade, pela Igreja, confirmará a universalidade da sua caridade e do seu culto. Porque desejamos a sua canonização, tudo fizemos para a viabilizar. Porque o veneramos como Santo, pedimos-lhe que, por intercessão de Maria, nos conceda essa graça e nos ajude a obtê-la de Deus, pela mediação da Virgem, através da qual obteve sempre todos os favores divinos.

Igreja do Santo Condestável, 3 de Abril de 2004

Revestido da Couraça da Justiça...

Carta do Prior Geral da Ordem do Carmo a toda a Família Carmelita
Fernando Millán Romeral, O. Carm.
Prior Geral dos Carmelitas da Antiga Observância

o. Introdução

No próximo dia 26 de Abril de 2009, será canonizado, na Basílica de São Pedro, em Roma, o Beato Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. Toda a Família Carmelita, no mundo inteiro, celebra com alegria esta canonização, que mostra o reconhecimento oficial, da parte da Igreja, da santidade de vida do "Santo Condestável", que consideramos bem-aventurado e intercessor. A figura de São Nuno Álvares Pereira tem uma série de matizes muito interessantes que sempre despertaram admiração, devoção e carinho, não só em Portugal? onde é, evidentemente, muito popular?, mas em todo o orbe carmelita. Como Prior Geral da Ordem, uno-me, feliz, a este coro de louvor e faço votos para que esta canonização seja um momento de revitalização da nossa Ordem, um momento de acção de graças pelos modelos de santidade que o Senhor nos ofereceu ao longo da história do Carmelo e também um momento de reflexão, de criatividade, um momento no qual possamos ver o melhor da nossa tradição espiritual, para assim encontrar chaves e pistas para uma fidelidade criativa, para uma vivência renovada, significativa e alegre do nosso carisma ao serviço da Igreja e da humanidade.

1. Uma figura do século XV para o século XXI?

No passado dia 21 de Fevereiro, Sua Santidade o Papa Bento XVI anunciou, diante do Consistório dos Car-



deais, na Sala Clementina, que no dia 26 de Abril deste ano teria lugar a canonização do Beato Nuno, conjuntamente com outros beatos. Em muitas conversas, viagens e encontros posteriores, fui interpellado acerca da possível actualidade de uma personagem que viveu nos séculos XIV e XV para um mundo tão complexo, tão diverso e tão diferente daquele em que Nuno viveu.

Neste sentido, convém ter em conta, em primeiro lugar, que a figura do Beato Nuno sempre gozou na nossa Ordem de grande popularidade. Nunca faltou a "fama sanctitatis", até ao ponto de, em alguns momentos (quando a normativa canónica acerca das

beatificações e canonizações não era, talvez, tão precisa, nem a informação dos fiéis, em algumas zonas, era tão ampla como agora), ser considerado santo e o seu culto fazia-se com certa normalidade e grande devoção. Não em vão o nosso Beato Nuno é conhecido em ambientes portugueses como "O Santo Condestável". De facto, seja-me permitido dizer que não nos será fácil abandonar a expressão "Beato Nuno", tão divulgada e conhecida na Ordem e na Família Carmelita.

Em segundo lugar, convém recordar que a mensagem profunda dos santos é uma mensagem que poderíamos qualificar de "transversal", isto é, vai para além de lugares e tempos concretos. A figura do santo, os seus valores e virtudes, o essencial da sua mensagem é válido e aplicável a outros lugares e tempos da vida da Igreja, ainda que, logicamente, fazendo um trabalho de interpretação, para não cair nem numa imitação mímica, superficial e infantil do seu exemplo (o que seria ridículo e contraproducente), nem num esquecimento irresponsável que (sob a aparência de um falso intelectualismo que despreza o testemunho dos simples e o *sensus fidelium*, tantas vezes invocado pela teologia moderna) ignore o valiosíssimo exemplo que os santos nos oferecem para a nossa própria vida espiritual e eclesial. Estou convencido de que, neste sentido, a figura de São Nuno Álvares Pereira encerra uma série de valores e de matizes que podem ser valiosíssimos para nós, hoje, na nossa vivência do carisma carmelita e na nossa vida cristã em geral.

Por conseguinte, a sua canonização supõe, para nós, um motivo de alegria, de gratidão e, por assim dizer, de santo orgulho de família. O Carmelo, como muitos outros carismas que surgiram ao longo da história da Igreja, não nasce nem vive para si mesmo (como se de uma seita se tratasse), mas nasce suscitado pelo Espírito Santo, ao serviço da Igreja Universal, ao serviço do anúncio do Evangelho, ao serviço da construção do Reino de Deus. A santidade de alguns dos seus membros, reconhecida oficialmente pela Igreja, significa, portanto, que o Carmelo viveu plenamente em alguns dos seus membros um ideal de santidade e de serviço; significa que cumpriu uma missão (mesmo que com limitações e debilidades humanas), e que enriqueceu a Igreja de Deus no seu peregrinar terreno.

Por isso, como em qualquer beatificação ou

canonização, juntam-se em nós os sentimentos de alegria e gratidão, por um lado, e de responsabilidade e compromisso, por outro. Agradecemos este reconhecimento, mas estamos conscientes de que o mesmo supõe também um incentivo, um purgante para a Família Carmelita, um chamamento à santidade de vida e à fidelidade à vocação cristã em geral e carmelita em particular.

Por último, queria fazer uma chamada de atenção aos nossos religiosos, religiosas e leigos que trabalham em diversos âmbitos pastorais (paróquias, colégios, capelanias, ...) para que se esforcem por apresentar a figura de São Nuno de Santa Maria com originalidade, com criatividade, com profundidade, não se ficando pelo acessório e superficial, mas descobrindo e fazendo descobrir o essencial da sua mensagem. De nós depende, em grande medida, que esta canonização seja frutífera e fecunda para as nossas comunidades, os nossos campos de pastoral e as nossas vidas, ou que seja apenas um acto pontual e passageiro, sem verdadeiro efeito na Ordem e na Família Carmelita em geral.

II. Um longo processo

Como dizíamos no ponto anterior, o processo de canonização do Beato Nuno, que culminará no próximo dia 26 de Abril na Basílica de São Pedro, supõe um longuíssimo iter (itinerário) de vários séculos, no qual coincidiram muitos factores diversos, circunstâncias e vicissitudes históricas.

Desde muito cedo se difundiu (e não só em Portugal) o culto ao "Santo Condestável": faziam-se peregrinações ao seu túmulo, surgiam manifestações religiosas e profanas em sua honra e celebrava-se a sua festa, com culto público e eclesiástico, no início de Novembro. Em 1437, seis anos depois da sua morte, o rei de Portugal, D. Duarte, e seu irmão, D. Pedro, obtiveram do Papa Eugénio a licença necessária para iniciar o processo de canonização. D. Pedro, irmão do rei, compôs uma oração em honra do "Santo Condestável". Num Breviário Carmelita, escrito entre os anos 1456 e 1478, incluiu-se a sua festa na oração litúrgica.

Lamentavelmente, por causas desconhecidas, o processo começado não se concluiu.

Apesar disso, a difusão do seu culto não se deteve, até ao ponto de o arcebispo de Lisboa ter participa-

do, em 1522 e 1548, nas duas trasladações dos seus restos mortais, aprovando assim, na prática, de facto, o seu culto. Entretanto ergueram-se alguns altares em honra do Beato, em Lisboa, nos arredores de Aviz, de Cernache do Bonjardim (lugar do seu nascimento) e noutros lugares do país. A isto tudo acrescentavam-se manifestações festivas muito difundidas e peregrinações anuais, vindas de várias partes de Portugal.

Depois das mencionadas disposições de Urbano VIII acerca do culto "ab immemorabili", tributado a santos e beatos, já em 1641 João IV de Bragança pediu à Santa Sé, em nome de todo o episcopado português, o reconhecimento do seu culto. Petição renovada também pela Ordem do Carmo, em 1656 e 1674. Vicissitudes políticas e outras causas, entre elas o terramoto de 1755, impediram a obtenção de tal reconhecimento, ainda que tenha permanecido sempre viva a recordação e a fama de santidade daquele a quem vulgarmente chamavam o "Santo Condestável".

Finalmente, em 1895, iniciou-se o processo de reconhecimento do culto imemorial. A sentença do juiz delegado, assinada a 7 de Março de 1914, foi confirmada pela Sagrada Congregação dos Ritos, no dia 15 de Janeiro de 1918, e aprovada por Bento XV, no dia 23 de Janeiro de 1918.

Em 1940, com autorização de Pio XII, iniciava-se a causa de canonização do Beato Nuno. Todavia, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial impediram, novamente, a realização da obra esperada. Depois de outras tentativas, que não chegaram a bom porto, a descoberta do túmulo primitivo do Beato Nuno no Carmo de Lisboa reanimou, finalmente, ainda mais o desejo de o ver proclamado "Santo" da Igreja. Chegou-se, assim, à confecção do procedimento devido (sumário) ou processo informativo, aberto no dia 3 de Julho de 2003 e encerrado a 3 de Março de 2004, seguido, nos meses de Maio e Junho de 2004, de um suplemento do procedimento.

Com estas actas processuais e o material documental recolhido expressamente por uma comissão histórica preparou-se, depois, sob a direcção do padre Felipe Amenós, Postulador da Ordem, a Positio. Completada a valoração histórica e o exame específico teológico da Positio, de acordo com as normas de procedimento seguidas pela Congregação para a Causa dos Santos, no dia 6 de Maio de 2008,

reunia-se o Congresso Ordinário dos Cardeais e Bispos da mesma Congregação, que pronunciava o seu parecer favorável à declaração solene das virtudes do Beato. Ao mesmo tempo, instruíam-se também o processo do suposto milagre atribuído à intercessão do Beato, que concluía positivamente, com juízo unânime, no dia 17 de Junho de 2008. No passado dia 21 de Fevereiro, no Consistório dos Cardeais que teve lugar na sala Clementina, no Vaticano, Sua Santidade Bento XVI anunciou solenemente a tão desejada data da canonização e, assim, Deo volente (se Deus quiser), poderemos participar com alegria na solene cerimónia de canonização no cenário incomparável da Basílica de São Pedro, em Roma.

No tocante à celebração litúrgica, no calendário próprio da Ordem, esta foi estabelecida no dia 6 de Novembro, para Portugal e para toda a Ordem, com rito duplo menor.

Esta recolhia como textos próprios, no Breviário, as antífonas do Magnificat das I e II Vésperas, e do Benedictus das Laudes, assim como a oração própria e as leituras do segundo nocturno. Os textos da Missa e as antífonas e orações próprias apresentavam leituras extraídas do comum dos confessores. Com a reforma, depois do Vaticano II, a celebração do Beato Nuno fixou-se, no próprio da Ordem do Carmo, no dia 1 de Abril, com o grau de memória obrigatória, enquanto para os carmelitas de Portugal se fixava o dia 6 de Novembro. A celebração do Beato foi introduzida também no próprio dos carmelitas descalços como memória facultativa, sendo também obrigatória para os de Portugal.

III. Apontamentos biográficos

Para entender melhor essa mensagem perene que a figura de São Nuno de Santa Maria nos oferece, a que fazíamos referência mais acima, convém destacar, de modo muito sumário, alguns aspectos essenciais da sua biografia que, sem dúvida, ajudarão a traçar melhor o perfil espiritual do Santo Condestável.

Nasceu no dia 24 de Junho de 1360, em Cernache do Bom Jardim, filho ilegítimo de D.

Álvaro Gonçalves Pereira, que foi Prior do Priorato do Crato, dos célebres Cavaleiros de São João de Jerusalém e de Iria, por quem Nuno conservaria sempre um terno afecto.

A sua infância e a sua adolescência decorreram nes-

te ambiente entre cavaleiresco e profundamente religioso que havia nestes grupos nos reinos do baixo medievo da Europa. Imbuído do ideal de Galaad, um dos cavaleiros da mesa redonda que acompanhavam o mítico Rei Artur, quis permanecer celibatário, mas, para não contrariar o seu pai, veio a casar-se com D.^a Leonor de Alvim, com quem teria três filhos e com quem teve uma vida matrimonial feliz. O casamento teve lugar a 15 de Agosto, festa da Assunção de Maria, de 1376.

Dois dos seus filhos morreram crianças e apenas a terceira, D.^a Beatriz, chegaria à idade adulta, casando-se com D. Afonso, o filho do rei D. João I, a quem Nuno, seu aio, tinha servido sempre com valentia e fidelidade.

O jovem Nuno sobressaiu rapidamente na corte, para a qual foi destinado para o serviço pessoal do rei Fernando desde a adolescência, quando tinha apenas treze anos. A sua nobreza de ânimo, a sua valentia, a lealdade para com o rei e o ideal de pureza que parecia ter-se traçado desde criança, a imitação do casto herói Galaad, chamaram à atenção quer da família real quer dos outros cortesãos.

A morte do rei D. Fernando de Portugal originou um problema dinástico, algo muito frequente nos reinos da Península Ibérica, nos tempos da Reconquista. Alguns cavaleiros portugueses (alguns irmãos de Nuno, inclusivamente) defendiam o direito ao trono de Beatriz, filha do rei Fernando, casada com o rei de Castela, o que provavelmente teria suposto a incorporação da coroa portuguesa no reino de Castela, que se ia configurando - juntamente com o de Aragão - como o reino mais forte da Península Ibérica.

Mas outros muitos cavaleiros lusitanos, entre eles Nuno, defendiam o direito ao trono de João, irmão do rei Fernando. Havia também interesses internacionais e não faltaram cavaleiros franceses e ingleses que ajudavam um ou outro lado. Não demorou muito a rebentar uma guerra entre os dois reinos, provocada pelo problema da sucessão dinástica. A guerra em si durou vários anos, com períodos de relativa calma. Em Abril de 1384, as tropas portuguesas (ao serviço de D. João) vencem a facção rival, na batalha de Atoleiros (o que originou, pouco mais tarde, a subida ao trono de João I, que nomearia Nuno como seu Condestável). Um ano mais tarde, no dia 14 de Agosto de 1385 (em vésperas da festa da Assunção de Nossa Senhora), as tropas comandadas por Nuno

Álvares Pereira derrotaram os seguidores do rei de Castela, na memorável batalha de Aljubarrota, e, pouco depois, em Valverde (já dentro do reino de Castela), o que fez com que Nuno ganhasse uma grande fama como herói nacional. Ainda que a guerra se tenha prolongado por algum tempo, e inclusivamente tivessem havido escaramuças anos mais tarde, a vitória já estava do lado português. A paz definitiva seria assinada em 1411. Pode ser significativo da fama que Nuno ganhou como herói nacional e como Condestável o facto de que Luís de Camões, o grande poeta português, incluisse uma elogiosa referência ao nosso homem, no canto IV do seu célebre poema épico *Os Lusíadas*, obra cimeira da literatura portuguesa do Renascimento. Também na vizinha Espanha vários autores dos séculos XVI e XVII (Calderón de la Barca ou Tirso de Molina, entre outros) louvaram a nobreza e a heroicidade do já mítico Condestável.

Mas, pouco mais tarde, a desgraça abateu-se sobre o Condestável. Em 1387, morre a sua esposa, D.^a Leonor de Alvim, que residia no Porto com a filha dos dois. Depois, o ainda jovem Nuno negou-se a contrair novo casamento. A vida de piedade e penitência (que sempre tinha tido) acentua-se sobremaneira e o Condestável, herói de tantas batalhas, famoso guerreiro ao serviço do rei, vai, a pouco e pouco, adquirindo a reputação de homem piedoso e santo.

Há que situar, nestes anos, a sua intervenção decisiva para a construção (entre outros templos e conventos) do convento e da igreja dos carmelitas, em Lisboa, cumprindo assim uma promessa votiva feita a Nossa Senhora. Consta que teve contacto com a Ordem através de um antigo companheiro de armas que se tinha feito carmelita no convento de Moura, D. João Gonçalves, e do Frei Afonso de Alfama, Vigário da Ordem em Portugal, com quem parece que tinha grande confiança e amizade. Foi escolhido, para localização do dito convento, um dos lugares mais altos de Lisboa. As obras duraram mais de oito anos. Os carmelitas, vindos do convento de Moura, instalaram-se no celeberrimo "Carmo" de Lisboa no dia 15 de Agosto (mais uma vez) de 1397, onde permaneceram até 1755, data em que o templo foi praticamente destruído pelo terramoto de Lisboa.

Em 1415, Nuno viria ainda a ter tempo de participar numa nova campanha portuguesa, desta vez para além do estreito de Gibraltar, em Ceuta, comandan-

do e contribuindo com a sua experiência militar na expedição portuguesa que se dirigia para o referido lugar do Norte de África. Nuno, com 55 anos, sentia-se já cansado. Pouco depois aconteceu a morte da sua filha, o que provavelmente acelerou a sua decisão de se afastar do mundo e de ter uma vida totalmente entregue à penitência, à piedade e à oração.

Deste modo, em Agosto de 1423, o Condestável, figura admirada e de grande prestígio, decide, diante do espanto geral, ingressar no Convento do Carmo, que ele mesmo tinha fundado, e levar uma vida de total penitência e austeridade, como irmão donato. No dia 15 de Agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora e data à que parece que a vida de Nuno estava intimamente ligada, vestiu o hábito Carmelita, tomando o nome de Frei Nuno de Santa Maria. Apesar das pressões de toda a ordem, recusou privilégios ou mitigações da austeridade conventual. Por intervenção de D. Duarte (filho de João I, o rei a quem Nuno fielmente tinha servido durante anos), convenceu-se, ao menos, que não fosse para um convento longínquo, como era seu desejo, para evitar visitas e homenagens que iam contra a sua vontade de total penitência e humildade. Também conseguiu o príncipe que Nuno renunciasse ao seu desejo de mendigar para o convento pelas ruas de Lisboa, como faziam os irmãos donatos.

Prova da sinceridade e da firmeza da sua vontade foi o facto de que sempre recusou ser chamado doutra maneira que não "Frei Nuno de Santa Maria", recusando qualquer tipo de título de nobreza. Mais ainda, quando o príncipe D. Duarte quis que conservasse o título de Condestável, Nuno respondeu com humildade, mas com firmeza: o Condestável morreu e está enterrado num santuário... Depois de oito anos de vida de penitência e de grande austeridade, Frei Nuno de Santa Maria morreu em Lisboa, no dia 1 de Abril de 1431. O seu funeral constituiu uma enorme manifestação de dor, quer por parte da nobreza e da família real (que tinham uma grande dívida de gratidão para com aquele nobre cavaleiro vencedor no campo da batalha), quer por parte dos carmelitas e de tantos devotos, que viram nele um modelo de penitência, de humildade e de desprezo das galas e honras deste mundo.

IV. Nuno, santo da Eucaristia

Um dos traços que sobressaem do perfil espiritual

de São Nuno é a sua profunda piedade eucarística. Indubitavelmente, esta piedade aconteceu nos moldes e formas típicas daquela época. É bem conhecido o seu desejo de restaurar as igrejas devastadas pela guerra ou por qualquer outra causa, para que a Eucaristia pudesse ser celebrada com dignidade. Fundou ou restaurou também confrarias do Santíssimo Sacramento em muitos lugares, e fomentou as celebrações do Corpus, insistindo e ordenando que estas se fizessem com solenidade, decoro e piedade, e tudo isto, precisamente numa época da história da Igreja em que surgiram, em diversos lugares, críticas à ideia da presença real.

De igual modo, quer como Condestável do Exército, quer no convento, participava frequentemente na eucaristia, preparando-se espiritualmente com muita seriedade e com penitências e jejuns. Contam as crónicas da época, e assim o recolhe o sumário do processo, que uma vez em que lhe perguntaram sobre os motivos pessoais de dita piedade eucarística, o Condestável respondeu: Quem quiser ver? me vencido nas batalhas que me afaste deste sagrado convite, no qual o próprio Deus, pão dos fortes, vigora os homens. Portanto, fortalecido com este manjar, revisto-me do ânimo e valor necessários para vencer o inimigo... Para além do caso pontual em si e das circunstâncias do mesmo, não deixa de ser interessante para nós esta confiança plena na Eucaristia que, concebida como *pharmakon* (como lhe chamam alguns Padres Gregos), nos ajuda a vencer os inimigos da vida, que já não são soldados ou cavaleiros reais, mas inimigos mais perigosos, como o pecado, a violência, o egoísmo... Esta centralidade da Eucaristia nas nossas vidas liga muito bem com o espírito carmelita, uma vez que, já a partir da própria regra, no Capítulo XIV, o carmelita é chamado a colocar a eucaristia como o centro (não só arquitectónico ou temporal, como pede o texto da *Formula Vitae*), mas no centro das nossas inclinações, das nossas inquietações, dos nossos apostolados e das nossas vidas... Que o exemplo da piedade eucarística de São Nuno de Santa Maria nos ajude a revitalizar a nossa vivência da eucaristia, para que o sacramento central da nossa fé não se converta numa mera rotina ou numa mera actividade pastoral, mas que ilumine toda a nossa vida e projecte os valores do reino sobre o nosso mundo e a nossa sociedade actual.

V. Nuno, santo de Maria

Outra característica muito definida do perfil espiritual de São Nuno foi a sua devoção à Virgem Maria. Já na sua vida de soldado se encomendava sempre à Virgem santíssima, antes das batalhas, e pedia também aos soldados que o fizessem. Tinha plena confiança na protecção de Nossa Senhora. Jejuava frequentemente em honra de Nossa Senhora e fomentava sempre a devoção mariana no meio daqueles que o rodeavam.

De igual modo, no fim das batalhas, costumava peregrinar a algum santuário mariano.

Por isso mandou reconstruir alguns deles que estavam abandonados ou em mau estado.

Ele mesmo pagou a reconstrução de alguns templos, ou mandou construir novos, ou decorá-los dignamente. Neste sentido, muitas igrejas dedicadas a algum orago mariano devem à maior ou menor participação do santo Condestável a sua criação ou subsistência, como as de Sousel; o templo dedicado a Nossa Senhora dos Mártires, em Estremoz; Vila Viçosa; Portel; Évora; Mourão; Camarate; Monsaraz; etc. Um lugar especial merecem, na lista, tanto o templo dedicado a Santa Maria das Vitórias (conhecido como Batalha), construído pelo próprio Rei D. João I a instâncias do seu Condestável para comemorar a batalha de Aljubarrota (perto de Fátima, é uma das jóias do gótico português), como o sumptuoso templo do Carmo, em Lisboa. Alguns historiadores apontam também a intervenção do santo Condestável no incremento que em Portugal foi tendo a devoção à Imaculada Conceição, que, com o tempo, se haveria de converter na Padroeira do país, em 1640, a instâncias do Rei D. João IV.

Logicamente que a piedade mariana de Nuno cresceu com o contacto com os carmelitas e, sobretudo, ao ingressar no convento de Lisboa como irmão donato. O facto de ter escolhido, como nome religioso, o de "Nuno de Santa Maria" é, a todos os títulos, significativo. Consta que passava horas em oração diante duma imagem de Nossa Senhora, a quem se encomendava constantemente. O seu exemplo deve ter contribuído, sem dúvida, para que o templo se convertesse num centro importantíssimo de piedade mariana.

Uma vez mais o exemplo de São Nuno pode ser também um estímulo para a nossa própria vida espiritual. Certamente que a devoção mariana de Nuno era

vivida sob as formas e expressões de piedade daquela época. Cada período da história deve procurar as suas próprias expressões e, no caso concreto do Carmelo, somos chamados a mostrar e a difundir a devoção à Virgem Santíssima de maneira que seja um reflexo da boa notícia da salvação em Cristo. Devemos conseguir que, como o Concílio Vaticano II nos pediu, a nossa piedade e a nossa devoção mariana não desemboquem nem num afecto estéril e transitório, nem numa vã credulidade (LG 67).

VI. Nuno, santo da humildade

Uma das características da figura do novo santo que mais chama à atenção é, sem dúvida alguma, a humildade. Não apenas no fim da sua vida, quando, sendo já carmelita, viveu de maneira totalmente austera e penitente, mas, mesmo sendo Condestável e uma das figuras mais célebres e admiradas da Coroa portuguesa, Nuno foi sempre um homem humilde, um homem que fugiu das honras excessivas e das ambições de poder.

É bem conhecida a sua tendência para a humilhação pessoal nos últimos anos da sua vida como donato carmelita, a ponto do príncipe D. Duarte, temeroso de que a sua conduta provocasse a irrisão ou o menosprezo por parte da coroa ou das instituições mais importantes do reino, o proibir de mendigar pelas ruas de Lisboa e de ir para um convento longínquo e perdido para não ser reconhecido como Condestável. Diante dos dois pedidos do príncipe, frei Nuno teve que ceder. Mas houve outros pedidos que o velho carmelita recusou com firmeza. Por exemplo, recusou ser sacerdote ou evitar os trabalhos mais humildes e baixos do mosteiro, trabalhos que, segundo o parecer do príncipe e de muitos nobres, eram contrários à dignidade e ao renome do herói nacional.

Convém não esquecer que Nuno era, além disso, parente da família real, pelo casamento da sua filha Beatriz (casada com D. Afonso, filho de João I), o que tornava ainda mais incómoda para os monarcas a sua atitude. Também se negou totalmente a continuar a usar o título de Condestável ou a ser chamado por outro nome que não fosse o de Frei Nuno de Santa Maria. Como víamos mais acima, a sua resposta foi radical e sem ambiguidades: O Condestável morreu e está enterrado num santuário... Estamos, sem dúvida, diante de um aspecto muito significativo para a nossa vida cristã actual. Num mundo que

idolatra o poder, a fama, o prestígio social (às vezes inclusivamente à custa da verdade ou da justiça); num mundo em que se fomenta a vaidade das riquezas ou dos títulos; num mundo em que, apesar de um terço da humanidade passar necessidade e em algumas zonas do planeta permanecer a praga terrível da fome, se faz ostentação de riquezas e de luxos totalmente desproporcionados; num mundo em que vivemos como escravos da imagem pessoal, do look, das aparências, do culto do corpo e do politicamente correcto... o exemplo de São Nuno recorda?nos o valor da humildade e da simplicidade e convida?nos a nós, carmelitas, de um modo particular, a manter esse espírito, essa maneira de ser e de estar no mundo, por muito importante que possa ser o nosso trabalho, a nossa missão ou a nossa posição eclesial. Posteriormente, grandes carmelitas viveram e ressaltaram o valor da humildade. Pensemos no célebre adágio de Santa Teresa de Jesus, nas sextas moradas (humildade é andar na verdade); ou no convite à simplicidade do pequeno que faz Santa Teresa de Lisieux; ou no exemplo sublime de humildade que sempre deu o Beato Tito Brandsma, mesmo ocupando os mais altos cargos na universidade e na vida civil do seu país. Muitos outros exemplos se poderiam citar dessa vivência profunda da humildade que sempre aconteceu no Carmelo. Trata?se, sem dúvida, de uma humildade cheia de coragem e de valentia, de uma humildade que não é apenas uma virtude psicológica, mas uma consequência da fé no Deus encarnado, no Deus que não duvidou em assumir a nossa humilde e frágil condição, fazendo?se um como nós para salvar, a partir de baixo, o género humano (cf. Flp. 2, 6?11).

Que o exemplo de São Nuno de Santa Maria nos ajude também a nós a viver a simplicidade evangélica, a não nos deixarmos seduzir pelas vaidades deste mundo (às vezes muito subtis) e a estar sempre próximos e solidários com os últimos, os marginalizados, com os pequenos e excluídos.

VII. Nuno: um convite à conversão radical

No templo da Batalha, dedicado a Santa Maria das Vitórias, a que aludíamos mais acima, pode contemplar?se, hoje, a imponente estátua equestre do Condestável Nuno Álvares Pereira, apresentado como guerreiro e herói nacional, segurando numa

mão a espada e na outra as rédeas do cavalo. Dentro da igreja, perto do altar, existe outra estátua, muito mais pequena, de escasso valor artístico, mas muito representativa.

Trata?se de Nuno de Santa Maria, já velhinho, com o hábito carmelita, com a Regra do Carmo na mão, em atitude de meditação e de oração. Alguns visitantes da Batalha nem sequer se dão conta de que se trata do mesmo personagem, dada a grande transformação e o contraste entre uma e outra imagem de Nuno. Muitos teólogos e peritos em espiritualidade falaram de uma espécie de "segunda conversão" ou conversão radical que, às vezes, acontecem na vida dos santos e daqueles que procuram a Deus. Falamos, evidentemente, em sentido análogo, uma vez que, em sentido restrito, eles já estavam convertidos à fé e, geralmente, procuravam vivê-la com autenticidade e sinceridade. Mas, num dado momento, do místico, do espiritual, um chamamento à radicalidade, um desejo de viver a fé de maneira total, com todas as consequências. É nessa altura que se convertem em sinal, numa chamada de atenção, num aviso para toda a Igreja, que assim toma consciência da tentação (a tentação) da mediocridade, da rotina, duma vivência da fé apagada e aburguesada.

Muitos nomes se poderiam citar nesta linha: Teresa de Jesus diante do Cristo chagado, Teresinha do Menino Jesus e a experiência terrível da doença, Tito Brandsma no campo de concentração, Thomas Merton numa rua ruidosa de Louisville, Monsenhor Romero diante do corpo inanimado de Rutilio Grande, Teresa de Calcutá sacudida pela pobreza horrível dos moribundos... e tantos outros.

Também Nuno sente, num determinado momento da sua vida, esse convite a deixar tudo, a abandonar honras, títulos, nobrezas e prestígio para se entregar de forma radical a uma vida de penitência e de oração. A sua figura deve ser também, para as nossas consciências, um abanão, um chamamento à radicalidade, um convite a rever os nossos critérios, a purificar as nossas intenções, a viver o Evangelho sem mentiras nem meias tintas. Eis a grande mensagem e actualidade dos santos.

Sem cair num pacifismo que seria totalmente anacrónico, podemos afirmar com certeza que Nuno abandona as armas e as cavalgadas para se dedicar por inteiro à batalha do amor e da santidade. Como aqueles primeiros carmelitas que, (imersos de algu-

ma maneira no fenómeno da Cruzada), se retiram para o Carmelo como eremitas e penitentes e incluem na sua Formula Viatae a belíssima descrição das armas espirituais que São Paulo faz (entre outros lugares) na Carta aos Efésios, também Nuno abandona as armas materiais e se reveste da armadura de Deus e da couraça da justiça, também ele abraça o escudo da fé e cobre a cabeça com o elmo da salvação. Também Nuno agarra a espada do Espírito e da Palavra e anuncia, com a melhor linguagem possível, com a mais autêntica e a mais credível (a da própria vida), a plena confiança em Deus e o chamamento à conversão.

Se não queremos que esta canonização fique apenas pelo histórico, pelo superficial, pelo acessório; se queremos que a figura de São Nuno de Santa Maria seja para nós um modelo de vida e que a sua canonização seja um momento de reactivação e revitalização do Carmelo; se confiamos plenamente na sua intercessão, assegurada pela solene e oficial declaração da Igreja... então procuremos aprofundar a sua mensagem e o seu ensinamento e assumi-los com gratidão e com um compromisso renovado de viver a nossa vocação ao Carmelo. Que também nós nos sintamos chamados a revestirmos da couraça da justiça (*Induenta est lorica Iustitiae...*) de que nos fala a nossa Regra, citando a Carta aos Efésios (ef. 6,1, 14), essa couraça que nos leva a amar o Senhor com todo o nosso coração, a nossa mente e as nossas forças, e ao próximo como a nós mesmos (Regra, XIX).

Quero, por último, manifestar o meu agradecimento e o de toda a Ordem aos que tornaram possível esta canonização: Ao padre Felip Amenós Bonet, O. Carm., que, sendo postulador, trabalhou na causa esforçadamente; ao padre Giovanni Grosso, O. Carm., actual Postulador Geral, que preparou, em conjunto com uma comissão, os actos que acompanharão a canonização, assim como ao padre Francisco José Rodrigues, O. Carm., Vice-Postulador da causa, e a todos os que, de Portugal, colaboraram e de algum modo ajudaram a dar a conhecer a figura de São Nuno.

Devemos felicitar cordialmente o povo português, para quem Nuno é não só um exemplo vivo de santi-

dade, mas também um herói nacional. É para mim, como espanhol, um motivo especial de orgulho, ao se tratar de uma figura importante nessa nação irmã e tão querida que é Portugal.

Resta-me apenas felicitar toda a Família Carmelita, estendida pelos cinco continentes.

Que vivamos com são orgulho de família esta canonização. Que a semente semeada pelo nosso novo Santo encontre em nós terra fértil e disposta a dar frutos de santidade.

Que Maria, Mãe do Carmelo e modelo sublime de santidade, continue a iluminar-nos, para que, na nossa família, surjam sempre figuras como a de São Nuno de Santa Maria que nos conduzam ao monte da perfeição, que é Cristo.

Quem são os Santos de Portugal?

D. Nuno Álvares Pereira será o nome seguinte numa lista que precede o início da nacionalidade, em território português

D. Nuno Álvares Pereira, Nuno de Santa Maria, será a partir de 26 de Abril o novo Santo português, juntando assim o seu nome a uma lista que se estende desde antes do início da nacionalidade. A última canonização de um português aconteceu quando Paulo VI, a 3 de Outubro de 1976, declarou Santa a religiosa Beatriz da Silva.

Antes de 1143, há registo de vários Santos (nalguns casos figuras semi-lendárias) que demonstram a implantação que, desde bem cedo, o catolicismo teve no nosso país.

Nesta lista incluem-se figuras como São Manços (primeiro Bispo de Évora, séc. I), São Vítor de Braga (mártir do séc. I), São Dâmaso (Papa do séc. IV que alguns afirmam ter nascido em Guimarães), São Sisenando (Diácono e mártir do séc. IX, nascido em Beja), São Rosendo (Bispo do séc. X, nascido em Santo Tirso) e Santa Senhorinha (beneditina do séc. X, de Vieira do Minho).

Desta fase há a destacar a vida e obra de três Bispos de Braga, os Santos Martinho de Dume, Frutuoso e Geraldo.

Martinho, oriundo da Panónia, nasceu no princípio do século VI e foi, ainda novo, para a Palestina. Era um homem de grande erudição e «por inspiração divina», como ele mesmo afirmava, veio para a Galiza cerca do ano 550. Converteu os suevos do arianismo

à fé católica e fixou-se em Dume; aí fundou um mosteiro de que foi eleito bispo. Em 569 ficou a ser também bispo metropolitano de Braga. Morreu no dia 20 de Março do ano 579.

Frutuoso nasceu no princípio do século VII, de nobre família visigótica. Fundou numerosos mosteiros, que muito contribuíram para a educação da juventude, como centros de vida religiosa e cultural. Nomeado arcebispo de Braga, a fama da sua santidade e sabedoria estendeu-se a toda a Península Hispânica. Morreu por volta do ano 666.

Geraldo nasceu na Gália, de nobre família; professou no mosteiro de Moissac onde desempenhou os cargos de bibliotecário, mestre dos oblatos e cantor. O bispo Bernardo de Toledo conseguiu levá-lo para a sua catedral para aí exercer as funções de mestre e de cantor. Eleito bispo de Braga, exerceu grande actividade na reorganização da diocese, na promoção da vida monástica, na reforma litúrgica e pastoral, bem como na aplicação da disciplina eclesiástica. Morreu a 5 de Dezembro de 1108.

Sete Santos

Após a independência, contam-se entre os fiéis canonizados pela Igreja Católica sete portugueses: São Teotónio, Santo António, Santa Isabel, Santa Beatriz da Silva, São João de Deus, São Gonçalo e São João de Brito.

São Teotónio

Nasceu em Ganfei (Valença do Minho) aproximadamente no ano 1082 e foi educado piedosamente desde a infância. Quando D. Crescónio, seu tio, foi nomeado bispo de Coimbra, levou-o consigo para esta cidade e confiou ao arcebispo D. Telo a sua formação nas disciplinas eclesiásticas. Depois de ordenado sacerdote, foi nomeado prior da Igreja da Sé de Viseu. Fez duas peregrinações à Terra Santa. No regresso da segunda peregrinação, insistentemente convidado por D. Telo e outros dez homens de grande virtude, fundou com eles o mosteiro da Santa Cruz em Coimbra, de que foi membro eminente e muito admirado, nomeadamente por S. Bernardo de Claraval. Teve também papel importante em algumas conjunturas da pátria. Morreu em 1162. A sua canonização foi aprovada pelo Papa Alexandre III (1159-1181). A memória litúrgica celebra-se a 18 de Fevereiro.

Santo António

O mais popular dos Santos portugueses nasceu em Lisboa, no final do século XII. Foi recebido entre os Cónegos Regulares de S. Agostinho e pouco depois da sua ordenação sacerdotal ingressou na Ordem dos Frades Menores com a intenção de se dedicar à propagação da fé entre os povos da África. Mas foi na França e na Itália que ele exerceu com grande fruto o ministério da pregação e converteu muitos hereges. Foi o primeiro professor de teologia na sua Ordem. Escreveu vários sermões, cheios de doutrina e de unção espiritual. Morreu em Pádua, a 13 de Junho de 1231. Foi canonizado por Gregório IX em Maio de 1232, menos de um ano após a sua morte, e foi proclamado Doutor da Igreja por Pio XII, a 16 de Janeiro de 1946. A memória litúrgica celebra-se a 13 de Junho

Santa Isabel

A “Rainha Santa”, filha dos reis de Aragão, nasceu no ano 1271. Era ainda muito jovem quando foi dada em casamento ao rei de Portugal; teve dois filhos. Dedicou-se de modo singular à oração e às obras de misericórdia, e suportou infortúnios e dificuldades com grande fortaleza de ânimo. Depois da morte de seu marido, distribuiu os seus bens pelos pobres e tomou o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco. Morreu no ano 1336, quando mediava o acordo de paz entre seu filho e seu genro. Foi canonizada por Urbano VIII, em 1625. A memória litúrgica celebra-se a 4 de Julho.

Santa Beatriz da Silva

Filha de pais portugueses, nasceu em Ceuta (África Setentrional) por volta de 1426. Ainda jovem, veio para Campo Maior (Portugal) e daqui passou à corte de Castela em 1447 como dama de honor da Infanta D. Isabel de Portugal. Para se poder dedicar a uma vida cristã mais perfeita, retirou-se da corte para um mosteiro de Toledo, onde permaneceu mais de 30 anos. Em 1484 fundou o Instituto que mais tarde tomou o título da Imaculada Conceição de Nossa Senhora (Concepcionistas) e que foi aprovado pelo papa Inocêncio VIII em 1489. Pouco depois de fazer profissão religiosa, faleceu com fama de santidade. Foi canonizada por Paulo VI a 3 de Outubro de 1976. A memória litúrgica celebra-se a 1 de Setembro.

São João de Deus

Nasceu em Montemor-o-Novo (Portugal) no ano 1495. Depois duma vida cheia de perigos na carreira militar, o seu desejo de perfeição levou-o a ambicionar coisas maiores e entregou-se ao serviço dos enfermos. Fundou um hospital em Granada (Espanha) e associou à sua obra um grupo de companheiros que mais tarde constituíram a Ordem hospitalar de S. João de Deus. Distinguiu-se principalmente na caridade para com os pobres e os doentes. Morreu nesta cidade em 1550. Foi canonizado por Alexandre VIII, em 1690. A memória litúrgica celebra-se a 8 de Março.

São Gonçalo Garcia

Santo português franciscano que sofreu o martírio no Japão, em Nagasaki, no ano de 1597. Nasceu em Basein (Índia), em 1557, filho de um português e de uma indiana, foi educado pelos Jesuítas e seguiu o Pe. Sebastião Gonçalves até ao Japão. Depois de alguns anos como comerciante, foi para Manila (Filipinas), onde professou como Franciscano em 1588. Cinco anos depois regressou ao Japão, como intérprete e dedicou-se ao apostolado, até ao martírio. Foi canonizado por Pio IX, em 1862. A memória litúrgica celebra-se a 6 de Fevereiro.

São João de Brito

Nasceu em Lisboa (Portugal) no dia 1 de Março de 1647, de família nobre. Depois de uma piedosa adolescência, entrou na Companhia de Jesus e, ordenado sacerdote, embarcou para as missões da Índia, onde trabalhou no meio de grandes sofrimentos e perseguições, mas também com grande fruto apostólico. Foi de lá enviado à Europa como Procurador das Missões e de novo partiu para a Índia; no dia 4 de Fevereiro de 1693 foi martirizado. Foi canonizado por Pio XII, a 22 de Junho de 1947. A memória litúrgica celebra-se a 4 Fevereiro.

www.agencia.ecclesia.pt

Agência de Notícias Semanário Vídeos

Ferramentas

Muitas gavetas para chegar mais depressa à informação que procura.

Portal da Igreja Católica em Portugal

→ www.ecclesia.pt

Semanário de informação eclesial

→ www.ecclesia.pt/semanal

Nomes, moradas e telefones de pessoas e instituições da Igreja católica

→ www.ecclesia.pt/anuario

Palavras, espaços e tempos do catolicismo

→ www.ecclesia.pt/catolicopedia

Síntese da doutrina católica

→ www.ecclesia.pt/catecismo

Compêndio da Doutrina Social da Igreja

→ www.ecclesia.pt/cdsi

Um espaço "SOS-Cultura católica", para dúvidas e esclarecimentos

→ www.ecclesia.pt/sos

Textos e guiões das celebrações litúrgicas de cada dia

→ www.liturgia.pt

